



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA



Felipe Fernandes dos Santos

**ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA: UMA ANÁLISE DOCUMENTAL SOBRE O
RACISMO, A DESIGUALDADE SOCIAL E A SEGREGAÇÃO URBANA NA OBRA
‘QUARTO DE DESPEJO’ DE CAROLINA MARIA DE JESUS**

MARIANA

2025

Felipe Fernandes dos Santos

Entre a história e a literatura: uma análise documental sobre o racismo, a desigualdade social e a segregação urbana na obra ‘Quarto de despejo’ de Carolina Maria de Jesus.

Monografia apresentada à Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) como parte das exigências do curso de História para obtenção do título de Licenciado.

Orientadora: Profa. Dra. Cristina Carla Sacramento
Coorientadora: Profa. Dra. Alexandra Resende Campos

Mariana - MG

2025

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

S237e Santos, Felipe Fernandes dos.

Entre a história e a literatura [manuscrito]: uma análise documental sobre o racismo, a desigualdade social e a segregação urbana na obra 'Quarto de despejo' de Carolina Maria de Jesus. / Felipe Fernandes dos Santos. - 2025.

77 f.: il.: color..

Orientadora: Profa. Dra. Cristina Carla Sacramento.

Coorientadora: Profa. Dra. Alexandra Resende Campos.

Monografia (Licenciatura). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Graduação em História .

1. Racismo na literatura. 2. Pobreza. 3. Urbanização na literatura. I. Sacramento, Cristina Carla. II. Campos, Alexandra Resende. III. Universidade Federal de Ouro Preto. IV. Título.

CDU 82-94

Bibliotecário(a) Responsável: ELIANE APOLINARIO VIEIRA AVELAR - CRB6/3044



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO



FOLHA DE APROVAÇÃO

Felipe Fernandes dos Santos

Entre a história e a literatura: uma análise documental sobre o racismo, a desigualdade social e a segregação urbana na obra "Quarto de despejo" de Carolina Maria de Jesus

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História

Aprovada em 25 de agosto de 2025

Membros da banca

Dra. Cristina Carla Sacramento - Orientadora - Universidade Federal de Ouro Preto
Dra. Alexandra Resende Campos - Coorientadora - Universidade Federal de Ouro Preto
Dr. Marcelo de Mello Rangel - Avaliador - Universidade Federal de Ouro Preto

Dra. Cristina Carla Sacramento, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 16/10/2025



Documento assinado eletronicamente por **Cristina Carla Sacramento, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 16/10/2025, às 13:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0977686** e o código CRC **7DBF30E7**.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.011736/2025-67

SEI nº 0977686

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35402-163
Telefone: (31)3557-9413 - www.ufop.br

Por tamanha coragem, inteligência e sabedoria
Dedico este trabalho à Carolina Maria de Jesus
e toda sua família.

Carolina, você foi e sempre será lembrada por
nós, da luta antirracista!

Agradeço por ser minha fonte de inspiração e
símbolo de resistência em nossa história.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por Ele ter me permitido chegar aqui e finalizar essa etapa. Agradeço a mim mesmo, que levantei minha cabeça e encarei essa caminhada até o fim. À minha mãe, Solange, obrigado por sempre estar do meu lado. Obrigado por me educar como pessoa e ser humano respeitoso. Te amo tanto, mãe! Pedrinho, meu irmão, você é tão grande! Saiba que eu tenho muito orgulho de você! Te amo demais! Meu pai, Isaías, uma pessoa que sempre de sua forma "amorosa", me encheu de doces. Pai, somos um pouco fechados um com o outro, mas eu sempre soube que essa foi sua forma de dizer: "Eu te amo, filho! Tenho orgulho de você", eu quero dizer que também te amo muito, pai!

Agradeço ao meu companheiro e amigo, Arthur. Você foi fundamental para que eu não desistisse desse percurso. Obrigado por me ouvir e sempre, acima de tudo, me abraçar e me fazer sentir mais calmo diante de minhas ansiedades. Te amo muito, amor! Dute, minha sogra, seu carinho, afetos e amor foram fundamentais em minha vida. Obrigado! Te amo!

À toda minha família materna e paterna, eu amo vocês! Vocês brilham sempre. Eu tenho orgulho de vocês e jamais me esqueci de onde vim.

Aos amigos e professores da E. E. Pedro Faria, escola que me formou, obrigado! Agradeço em especial às Profas. Lucilene e Ivanilda, por me inspirarem sempre!

À minha orientadora, Cristina Sacramento, gostaria de declarar mais uma vez minha admiração, carinho e respeito por você! Você é uma pessoa importante na minha luta antirracista. Obrigado por tudo. Amo você! À Alexandra Campos, minha coorientadora. Obrigado por estar junto comigo nessa. Te admiro e tenho muito carinho e respeito por você! Amo você! Obrigado por me encorajarem sempre!

Meu grupo "Historiamigos"; Juliene, Letícia, Isadora, Rhafaela, Maria Eduarda, Francisco, Milena, Dudinha, Thiago e Lucas Alves, obrigado por serem meu refúgio! Eu amo vocês! Espero ter vocês sempre em minha vida! Às minhas amigas do mestrado de História, Luana Brunely, Ana Conrado e Tainara Aparecida, obrigado por sempre acreditarem no meu potencial, sou eternamente grato por toda ajuda. Colegas da luta antirracista, que me incentivaram a prosseguir nessa luta, obrigado, especialmente Vanessa Lima, Maria Alice. Outros amigos do meu curso; Magiu, Gabriela Ferreira, Gabriele Resende e Pedro Ribeiro.

Minhas "Pedagomigas"; Ingrid, Samantha, Isabela Pereira, Martha, Alice Maria, Luisa Fernandes, Naiara e todas às turmas 21.2, 23.2 e 25.1 de Pedagogia, amei vocês! Minha turma de História, 21.2, quero agradecer a vocês por tamanho carinho e respeito comigo!

Aos meus amigos da minha amada casinha nessa minha trajetória de graduação "República Ventania", obrigado por tudo. Sidnei, Mateus Felipe, Marcos, João César, Vítor, Juju, Matteo, Cadu e a todos os ex-alunos, obrigado por dividirem suas histórias comigo. PC, Gustavo e Maykon, vocês são pessoas amáveis e admiráveis! Aos amigos que essa casa me proporcionou aproximar mais ainda: Fred, Josias e Elder. Obrigado pela maturidade, obrigado por me ouvirem. Eu amo vocês demais! Vocês foram pessoas fundamentais para que eu aguentasse sobreviver nesse ambiente que, por vezes, se tornava um desafio, mas que também se tornou meu lar, quero vocês pra sempre em minha vida. Diogo e Luiz Gustavo, eu agradeço vocês dois por serem meus colegas de quarto em diferentes momentos. Amei conhecer vocês e ter vocês como amigos! Obrigado por estarem dividindo o querido e amado "Quarto 05" comigo.

Às repúblicas Galinheiro, Travêssa e Luluzinhas. Obrigado pelo acolhimento em meus momentos iniciais em Mariana, em especial ao Soneca e Tufão, meus guias da cidade.

À Profa. Pérola Goldfeder, agradeço por me incentivar a crescer como professor. À Profa. Margareth Diniz, saiba que você também foi fundamental na minha luta antirracista. Prof. Marcelo Rangel, obrigado por acreditar em mim, me incentivar a ler Paulo Freire cada vez mais e também por sempre citar meu tema de TCC em suas aulas, essa sua ação me impulsionava cada vez mais a querer escrever. Prof. Luciano Roza, obrigado por não me fazer desistir de me inscrever no PIBID, esse projeto maravilhoso do qual me orgulho ter feito parte. À E. E. Dona Reparata Dias de Oliveira, equipe e seus alunos maravilhosos e também ao Prof. Sérgio Sales, Arielly e Carol, obrigado por essa experiência enriquecedora.

Gemirson dos Reis, E. M. Izaura Mendes e equipe, agradeço por todo carinho comigo. E. E. Dr. Gomes Freire e equipe, muito obrigado por me receberem com carinho!

Aos funcionários da Biblioteca do ICHS, obrigado por me acolherem como família e por todo carinho. Agradeço à Helena, Eliane Apolinário, Ana Paula, Damarys e toda equipe.

Agradeço à Jeniffer por me transmitir segurança e me acolher como estagiário e colega na E. E. Monsenhor Moraes e agradeço também ao Sr. Jorge e o Sr. Geraldo, motoristas que me levaram nesse percurso semanalmente. Obrigado pelas belas histórias!

Minha psicóloga, Daiane Torres, obrigado por me incentivar a prosseguir sempre! Gláucio, meu amigo, obrigado por me emprestar o livro "Quarto de despejo" por longo prazo. Para finalizar, gostaria de agradecer à Prace, à Jucileide e ao ICHS. À cidade de Mariana, agradeço ao meu lugar favorito, a pista de corridas, que aquele verde permaneça sempre por ali. Para cada colega que me acompanhou na faculdade ou na minha vida e possivelmente eu esqueci de mencionar, me desculpe. Saiba que amo vocês também! Obrigado por tudo!

Navio Negreiro

*“Lá vem o navio negreiro
Lá vem ele sobre o mar
Lá vem o navio negreiro
Vamos minha gente olhar...*

*Lá vem o navio negreiro
Por água brasileira
Lá vem o navio negreiro
Trazendo carga humana...*

*Lá vem o navio negreiro
Cheio de melancolia
Lá vem o navio negreiro
Cheinho de poesia...*

*Lá vem o navio negreiro
Com carga de resistência
Lá vem o navio negreiro
Cheinho de inteligência...”*

(Solano Trindade - Canto Negro)

RESUMO:

O presente trabalho tem como objetivo analisar e compreender como o racismo, a desigualdade social e a segregação urbana são retratados na obra ‘Quarto de Despejo’ da escritora Carolina Maria de Jesus. Quarto de Despejo é um livro lançado em 1960, denunciando as precárias condições de vida de Carolina Maria de Jesus e seus três filhos na Favela do Canindé, situada na cidade de São Paulo. De acordo com as vivências e os fatos ocorridos, ao longo do dia, a escritora relata sua rotina, em seu diário, e tece diversas críticas ao Brasil e as injustiças que vive, entre elas o racismo estrutural, a fome e a miséria. O trabalho buscou identificar e analisar os aspectos retratados pela escritora no livro, com ênfase no contexto histórico, sociológico e étnico-racial, com o auxílio dos referenciais bibliográficos Tremba (2020), Oliveira (2020) e Moreno (2022). Em um primeiro momento, a obra passou por uma divisão por categorias de análises, no segundo momento por uma análise de conteúdo, identificando os objetos de análise, de acordo com Franco (2008). Por fim, a pesquisa recorreu aos seguintes referenciais teóricos: Gomes (2012a), Nascimento (1978), Nascimento (2021), Santos (2011) e Sodré (2018) para compreender o contexto de cada relato do diário que Carolina Maria de Jesus escreveu. Ao final, conclui-se sobre os impactos do racismo estrutural, segundo as contribuições de Almeida (2019), Gomes (2012b) e Carneiro (2005), o pós-abolição mal planejado para a população afro-brasileira e a segregação racial e urbana, em forma de fome, miséria e desigualdade. Essas conclusões nos levam a entender os relatos de Carolina Maria de Jesus em “Quarto de Despejo” como uma denúncia social contundente e uma obra de referência para a reflexão sobre as persistentes mazelas da sociedade brasileira (1950-1960).

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus; Racismo; Desigualdade Social; Pobreza; Urbanização.

ABSTRACT:

This paper aims to analyze and understand how racism, social inequality, and urban segregation are portrayed in the work "Quarto de Despejo" (Slum Room) by writer Carolina Maria de Jesus. Published in 1960, "Quarto de Despejo" (Slum Room) denounces the precarious living conditions of Carolina Maria de Jesus and her three children in the Canindé Favela, located in the city of São Paulo. Based on her daily experiences and events, the writer recounts her routine in her diary and makes several criticisms of Brazil and the injustices it experiences, including structural racism, hunger, and poverty. This paper sought to identify and analyze the aspects portrayed by the writer in the book, with an emphasis on the historical, sociological, and ethno-racial context, with the help of the bibliographical references Tremba (2020), Oliveira (2020), and Moreno (2022). Initially, the work was divided into categories of analysis, followed by a content analysis, identifying the objects of analysis, according to Franco (2008). Finally, the research used the following theoretical frameworks: Gomes (2012a), Nascimento (1978), Nascimento (2021), Santos (2011), and Sodré (2018) to understand the context of each account in Carolina Maria de Jesus's diary. Finally, the study concludes on the impacts of structural racism, according to the contributions of Almeida (2019), Gomes (2012b), and Carneiro (2005), the poorly planned post-abolition period for the Afro-Brazilian population, and racial and urban segregation, in the form of hunger, poverty, and inequality. These conclusions lead us to understand Carolina Maria de Jesus's accounts in "Quarto de Despejo" as a forceful social denunciation and a reference work for reflecting on the persistent ills of Brazilian society (1950-1960).

Keywords: Carolina Maria de Jesus; Racism; Social Inequality; Poverty; Urbanization.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Manuscrito de Carolina Maria de Jesus.....	17
Imagem 2: Manuscrito de Carolina Maria de Jesus sobre a escola.....	18
Imagem 3: Carolina Maria de Jesus e os filhos: João José, Vera Eunice e José Carlos.....	26
Imagem 4: Carolina Maria de Jesus e seu livro “Quarto de Despejo”.....	26
Imagem 5: Carolina Maria de Jesus em ensaio fotográfico.....	27
Imagem 6: Carolina Maria de Jesus em ensaio fotográfico - II.....	27
Imagem 7: Carolina Maria de Jesus no Jornal Folha da Noite de 1940.....	28
Imagem 8: O disco "Quarto de Despejo" (1961), de Carolina Maria de Jesus.....	30
Imagem 9: Exposição Carolina Maria de Jesus: um Brasil para os brasileiros, no IMS Paulista.....	31
Imagem 10: Vera Eunice de Jesus na exposição.....	31
Imagem 11: Marisa Regina Lima de Aquino, filha de Vera Eunice e neta de Carolina Maria de Jesus, com seus filhos na exposição.....	32
Imagem 12: Elisa, Lilian, Adriana e Eliane Carvalho de Jesus, netas de Carolina de Jesus na exposição.....	33
Imagem 13: Manuscrito de Carolina Maria de Jesus sobre o lançamento do livro.....	34
Imagem 14: Carolina Maria de Jesus autografando exemplares do Quarto de Despejo.....	40
Imagem 15: Carolina Maria de Jesus viajando para divulgar “Quarto de Despejo”.....	41
Imagem 16: Carolina Maria de Jesus na sua casa em Parelheiros, 1969.....	41

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	14
2. QUEM FOI CAROLINA MARIA DE JESUS?.....	17
2.1. Conhecendo Carolina Maria de Jesus e sua família através de fotografias.....	26
2.2. Primeira aparição de Carolina Maria de Jesus na mídia.....	28
2.3. Carolina Maria de Jesus: além de escritora, também compositora e cantora.....	30
2.4. Exposição “Carolina de Jesus: um Brasil para os Brasileiros” Instituto Moreira Salles.....	31
3. QUARTO DE DESPEJO: DO PROCESSO DE CRIAÇÃO À FAMA.....	35
3.1. Estudos sobre Carolina Maria de Jesus e sobre a obra Quarto de Despejo.....	36
3.2. Vida pós-fama: a importância de Carolina Maria de Jesus para a literatura e a educação brasileira.....	38
4. COMO A OBRA QUARTO DE DESPEJO NOS AJUDA A PENSAR O RACISMO ESTRUTURAL NO BRASIL PÓS-ABOLIÇÃO?.....	42
4.1. Desigualdade social e racial: entre a hierarquização social e a construção de identidade.....	45
4.2. Desajustamento estrutural e segregação urbana: o espaço como mecanismo do racismo.....	49
4.3. Pobreza, Fome e Racismo.....	58
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	67
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	69
APÊNDICE: SEQUÊNCIA DIDÁTICA.....	75

ADVERTÊNCIA

Por respeito e consideração à escrita de Carolina Maria de Jesus, todas as citações dos livros “Quarto de Despejo: diário de uma favelada” e “Diário de Bitita” da escritora, foram transcritas neste Trabalho de Conclusão de Curso respeitando rigorosamente o padrão ortográfico da autora, tal como impresso na primeira edição de seus livros publicados. Esta escolha busca reconhecer sua originalidade e respeitar sua posição no mundo literário como mulher negra.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho teve inspiração na escritora Carolina Maria de Jesus e seu livro “Quarto de despejo: diário de uma favelada” de 1960. Carolina Maria de Jesus, é uma escritora negra importante no cenário literário, sendo a primeira a vender 10 mil exemplares na primeira semana de lançamento do livro, chegando a um total de 80 mil exemplares vendidos, além de ser traduzido em 14 idiomas e publicado em 46 países, segundo Bernardo (2020).

Quarto de despejo é uma obra que retrata as vivências de Carolina Maria de Jesus e os filhos na Favela do Canindé, na cidade de São Paulo, na década de 1950. A escritora passava o dia catando papel, nas ruas, e à noite escrevendo. Sua escrita era um momento de desabafo, no qual Carolina Maria de Jesus registrava o cotidiano desigual vivido. A escritora, humilde e pobre, era uma mineira da cidade de Sacramento que migrou para São Paulo buscando uma vida melhor. Na época, a cidade de São Paulo se encontrava em constante urbanização e industrialização, de acordo com os estudos de Santos (2011). Quando chegou em São Paulo, Carolina Maria de Jesus encontrou, na verdade, uma cidade segregatória que, em função do racismo estrutural, como forma enraizada de hierarquia nas classes populares marginalizadas de São Paulo, apresentava grandes desigualdades e pobreza.

De acordo com Gomes (2012b, p.729) “a discussão sobre a raça no Brasil e nos mais variados contextos não se faz no isolamento. Antes, ela se articula às questões históricas, sociais, culturais, políticas e econômicas mais amplas.” Em outras palavras, Gomes (2012b) nos alerta sobre como a raça não pode ser tratada de forma desconectada ou superficial, como se fosse um problema isolado na sociedade. Isto nos leva a refletir sobre os estudos Almeida (2019) e Carneiro (2005) sobre o racismo estrutural, em que podemos concordar com os autores que ele não é apenas uma questão de atitudes individuais ou preconceitos pessoais, mas sim um fenômeno estrutural vindo bem antes do pós-abolição e persistindo, também, na época do livro Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus.

Compreender o racismo estrutural é importante para que possamos entender o contexto que Carolina Maria de Jesus vivencia e escreve. Por isso, este trabalho busca analisar e compreender como a pobreza, a desigualdade social e a urbanização são retratadas na obra ‘Quarto de Despejo’ da escritora Carolina Maria de Jesus. Essas categorias de análise foram elaboradas justamente por seu grande potencial de compreensão da realidade social de Carolina Maria de Jesus e seus filhos. Além disso, ao analisar a obra ‘Quarto de Despejo’ e a trajetória de Carolina Maria de Jesus, este trabalho propõe uma reflexão sobre como sua

escrita denuncia as desigualdades estruturais na sociedade brasileira, ao mesmo tempo que a reconhece como uma grande potência para a literatura.

Este trabalho, portanto, considerou o racismo estrutural na sociedade brasileira, das décadas de 1950 e 1960, que buscou segregar a população negra de direitos, período de composição do diário de Carolina Maria de Jesus, que mais tarde se tornou o famoso e necessário livro “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”. Neste sentido, o presente trabalho buscou identificar e analisar os aspectos retratados pela escritora no livro, com ênfase no contexto histórico, sociológico e considerando a perspectiva étnico-racial.

Após a definição do tema, foi realizado um levantamento de pesquisas, no Google Acadêmico, que nos direcionou para periódicos de universidades que continham referenciais bibliográficos que pudessem contribuir nessa pesquisa. As pesquisas que contribuíram com o desenvolvimento desta pesquisa foram: Tremba (2020), situado no site de periódicos da Universidade Tecnológica do Paraná; Oliveira (2020), presente no site de periódicos da Universidade Estadual da Paraíba e Moreno (2022) encontrado no site de periódicos da Universidade Federal de Alagoas, refletindo sobre Carolina Maria de Jesus, o espaço urbano, desigualdade social, racismo e a pobreza.

Os referenciais teóricos que ajudaram a desenvolver essa pesquisa foram Gomes (2012a), Nascimento (1978), Nascimento (2021), Santos (2011), Carneiro (2005) e Sodré (2018), uma vez que eles contribuem para a compreensão do debate sobre o racismo e das relações étnico-raciais no contexto brasileiro, especificamente naquele registrado por Carolina Maria de Jesus na obra Quarto de Despejo.

Neste trabalho, utilizamos a análise de conteúdo, para desenvolver a pesquisa na obra “Quarto de Despejo”. A análise é uma metodologia de pesquisa qualitativa, utilizada para interpretar documentos a fim de obter informações importantes para responder nesta pesquisa. De acordo com Franco (2008), a análise de conteúdo se desenvolve, inicialmente, através da mensagem que expressa um significado ou um sentido. Neste caso, antes de tudo, fizemos um pano de fundo na análise, muito importante para analisar o livro a partir dos fatores que tenho como elementos centrais na análise de categoria sistematiza: desigualdade social, pobreza e urbanização. Após os elementos centrais definidos, fizemos uma leitura da obra e foi produzido um fichamento da obra, de acordo com o avanço das leituras. Depois da leitura do texto e da escrita do fichamento, foram feitas às análises com base nos três elementos centrais citados anteriormente. As contribuições de Franco (2008) nos ajudaram a compreender os elementos analisados na obra.

O trabalho foi realizado a partir das seguintes etapas: 1) Escrita do Projeto de TCC; 2) Fichamento da obra e desenvolvimento das análises de categorias sistematizadas (Desigualdade Social, Urbanização e Pobreza); 3) Leitura do livro “Quarto de Despejo” e análise de conteúdo, a partir das contribuições de Franco (2008); 4) Desenvolvimento da Monografia e 5) Apresentação da Pesquisa. Como resultado, foi possível observar os impactos da desigualdade social, urbanização e pobreza na população negra que foi excluída do projeto de urbanização brasileiro, em especial na cidade de São Paulo. A desigualdade social e a pobreza se tornaram a realidade das famílias negras, em contraste às famílias brancas, especificamente aquelas da elite brasileira.

2. QUEM FOI CAROLINA MARIA DE JESUS?

Imagem 1: Manuscrito de Carolina Maria de Jesus

29

Minha mãe era descendente do
Vestido azul, e dizia que o Branco,
é o verdadeiro dono do mundo.
Eu dou risadas
Minha mãe aprendeu dizer aos
brancos, sem sentar e sem se levantar
Quando chegou a minha vó
a fazendeira examinou-me
como se eu fosse um objeto
exposto a venda. Dizendo que
eu deveria ser uma nequinhinha
esperta porque, era magrinha
canela fina etc. ficou com
inveja da minha mãe que
tinha uma filha perfeita
A inveja duplicou quando
lhe disseram que eu sabia
ler.
Perguntou o meu nome.
Minha mãe respondeu com a
Vó tremula porque a presença
de um Branco, lhe atemorizava
Ela chama: Carolina Maria de Jesus

Fonte: Carolina Maria de Jesus, Um Brasil para os Brasileiros [trecho], caderno manuscrito. Data desconhecida.
(Acervo IMS).

Imagem 2: Manuscrito de Carolina Maria de Jesus sobre a escola

Prologo

1 Nesta primeira obra poética que apresento, desejo relatar as ilustres leituras como foi que percebi minhas aptidões para a poesia. Quando completei sete anos, a minha saudosa mãe enviou-me a escola. "O Colégio Stan Kardec. Na minha terra natal. A cidade de Sacramento. No Estado de Minas Gerais - fui a escola com a curiosidade tão própria da infância, para averiguar o que era escola e qual a sua utilidade na nossa vida. Quem insistiu com a minha mãe para enviar-me a escola, foi a utilitaríssima D. Maria Leite. Ela, era branca. Eu pensava: É por causa de sua pele tão branca que ela se chama D. Maria Leite? Mas, ela, era tão carinhosa, que deveria chamar D. Maria Santa.

Fonte: Carolina Maria de Jesus, Um Brasil para os Brasileiros [trecho], caderno manuscrito. Data desconhecida.

(Acervo IMS).

Carolina Maria de Jesus era uma menina negra e pobre que nasceu no dia 14 de março de 1914 na zona rural de Sacramento, Minas Gerais. Informações acerca de seu núcleo familiar, composto por todos os seus familiares, também negros, encontram-se em “Diário de Bitita” (1986), livro póstumo que contém as memórias de Carolina Maria de Jesus, que o escreveu ainda em vida. Sua mãe se chamava Maria Carolina de Jesus, uma mulher trabalhadora, lavadeira, que criou os filhos sozinha. Especificamente da paternidade e presença do pai, João Cândido, Carolina Maria de Jesus se recorda da seguinte forma:

“Eu estava fazendo a minha avant-première no mundo” e o primeiro rastro que nos é dado a conhecer desse sujeito que estreia no mundo é o questionamento acerca da sua paternidade: “E conhecia o pai do meu irmão e não conhecia o meu. Será que cada criança tem que ter um pai?” (Jesus, 1986, p. 7)

Desde nova, Carolina Maria de Jesus passou pela experiência da solidão, abandono e também da ausência de afeto paterno. Sobre a história dos pais, a autora diz:

Com ampla liberdade, a minha mãe dançava e passeava as noites com os amigos, e foi ficando inebriada com as carícias dos seus amigos de banguê. Foi nestes bailes insetos que ela conheceu o meu pai. Dizem que era um preto bonito. Tocava violão e compunha versos de improviso. Era conhecido como o poeta boêmio. Nos bailes ele dançava só com a minha mãe. Ela teve um só filho com seu esposo, o Jerônimo Pereira. O sobrenome Pereira, do esposo de minha mãe, deve ter sido herdado de algum português, porque o esposo de minha mãe era mulato. Quando minha mãe ficou gestante, surgiram os disse-disse tão comuns nas cidades do interior. [...] Diziam que a criança que ia nascer era filha do poeta boêmio. Quando eu nasci, comprovaram-se os boatos [...]. A minha semelhança com o poeta serviu de pretexto para o esposo da minha mãe abandoná-la. Ele era um tipo de homem irresponsável, que não mantém o lar e exige fidelidade. Não tinha idade para ser chefe de família. O que ele queria era casar-se para conseguir a sua liberdade. Não teve consciência de minha mãe cuidando, zelando a sua felicidade.

Disse: – Casei com uma negra só para sair da tutela. E foi morar com uma mulher branca. Uma velha de cinquenta e dois anos, poderia ser sua avó. Mas era branca. E ele dizia que mulher branca não tem idade. – É sempre jovem. Minha mãe ficou com dois filhos para manter. Minha mãe disse que bebeu inúmeros remédios para abortar-me, e não conseguiu. Por fim desistiu, e resolveu criar-me. Não fiquei triste, nem revoltada, talvez seria melhor não existir. Porque eu já estava compreendendo que o mundo não é a pétala da rosa. Há sempre algo a escravizá-lo. (Jesus, 1986, p. 69, 70)

Esse trecho destaca a semelhança entre a mãe e a filha. Carolina Maria de Jesus mais tarde também criaria os três filhos, João José, José Carlos e Vera Eunice, sozinha. Durante sua infância, sua relação com o irmão é marcada por ciúmes e também pela desigualdade de gênero: “Não sei se era ciúme, mas eu notava diferenças nos modos da mamãe nos tratar. O meu irmão era o predileto. Eu pensava: ‘Ela trata-o com todo carinho, porque ele é mulato. E eu sou negrinha’” (Jesus, 1986, p. 81).

Por outro lado, surge a presença do avô, um senhor inteligente e descendente de africano, que levava a neta todos os dias para a leitura coletiva que acontecia na praça, segundo sua filha Vera Eunice em 2023 numa entrevista. “O pai da minha mãe foi Benedito José da Silva. Sobrenome do Sinhô. Era um preto alto e calmo. Resignado com a sua condição de soldo da escravidão. Não sabia ler, mas era agradável no falar. Foi o preto mais bonito que já vi até hoje.” Carolina Maria de Jesus traz a figura do avô com destaque em suas memórias do *Diário de Bitita*: “O vovô era descendente de africanos. Era filho da última remessa de negros que vieram num navio negreiro. Os negros cabindas, os mais bonitos e inteligentes.” (Jesus, 1986, p. 114). Segundo Miranda (2013) o avô de Carolina Maria de Jesus fora contemplado pela Lei do Ventre Livre¹ e tivera oito filhos, quatro de cada sexo. A avó materna não é referenciada em “*Diário de Bitita*”, somente a esposa do avô, siá Maruca.

No que se refere à sua casa e as condições que sua família se encontrava, Carolina Maria de Jesus nos traz o seguinte relato:

Não tinha água. Mesmo furando o poço eles tinham que andar para carregar água. Nós morávamos num terreno que o vovô comprou do mestre, um professor que tinha uma escola particular. O preço do terreno foi cinquenta mil-réis. O vovô dizia que não queria morrer e deixar os seus filhos ao relento. (Jesus, 1986, p. 7)

Essa passagem do livro “*Diário de Bitita*” nos faz imaginar um recomeço. Recomeço esse que muitos vindo de África não chegaram a conhecer, contextualizado pela Lei de Terras² e também devido a baixa expectativa de vida de quem era escravizado. Esse recomeço para os libertos e alforriados, significou um momento de alegria, mas também de ressignificação. Sobre a casa, Miranda (2013, p. 138) ainda complementa

Sob o título “Infância” o livro começa com a inserção espacial e social do grupo ao qual a autora pertence: “Os pobres moravam num terreno da Câmara: ‘O Patrimônio’”. A família Jesus surge destacada desse coletivo, pois não morava no terreno que o poder público reservava aos destituídos de participação efetiva nas estruturas democráticas e sim numa casa que seu avô havia comprado. (Miranda, 2013, p. 138)

¹ LEI Nº 2.040, DE 28 DE SETEMBRO DE 1871 - A Lei do Ventre Livre declarava de condição livre, a partir de 28 de setembro de 1871, os filhos de mulheres escravizadas. Apesar de ter sido um marco no processo de abolição, ela não aboliu a escravidão em si, mas sim estabeleceu a “liberdade” para os nascituros. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim2040.htm Acesso em: 07 de abril de 2025

² LEI Nº 601, DE 18 DE SETEMBRO DE 1850 - A Lei de Terras foi criada visando organizar as propriedades de terras nos países, sendo não ocupadas ou cultivadas, buscando estabelecer que a posse de terras só seria reconhecida como legítima mediante a compra, dificultando o acesso à terra para a população mais pobre, como os escravizados e alforriados. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/10601-1850.htm Acesso em: 07 de abril de 2025

A preocupação do avô de Carolina Maria de Jesus era garantir aos filhos um lugar para morar. Miranda (2013), nos fala que isso já significava a propriedade privada como segurança familiar. Sobre a condição da casa, Carolina Maria de Jesus detalha:

A nossa casinha era recoberta de sapé. As paredes eram de adobe cobertas com capim. Todos os anos tinha que trocar o capim, porque apodrecia, e tinha que trocá-lo antes das chuvas. Minha mãe pagava dez mil-réis por uma carroça de capim. O chão era soalhado, era de terra dura, condensada de tanto pisar. (Jesus, 1986, p. 7)

A infância foi marcada por ser uma menina curiosa e desperta sobre sua volta. “Eu era insuportável. Quando queria alguma coisa era capaz de chorar dia e noite até conseguir. Eu era persistente em todos os caprichos. Pensava que o importante é conseguir o que desejamos” (Jesus, 1986, p. 12, 13). Se tratando do apadrinhamento, Carolina Maria de Jesus relata orgulhosamente sobre a figura de sua madrinha: “A minha madrinha de batismo é quem me defendia. Ela era branca. Quando comprava um vestido para ela, comprava outro para mim. Penteava meus cabelos e beijava-me. Eu pensava que era importante porque a minha madrinha era branca (Jesus, 1986, p. 12). Miranda (2013), nos fala que essa relação de apadrinhamento entre brancos e negros era muito comum no tempo da República. Mas apesar disso, Carolina Maria de Jesus não se livrou dos preconceitos raciais, como cita abaixo:

As vizinhas me olhavam e diziam:
 – Que negrinha feia! Além de feia, antipática. Se ela fosse minha filha eu matava.
 – Mãe não mata o filho. O que a mãe precisa ter é um estoque de paciência.
 O senhor Eurípides Barsanulfo disse-me que ela é poetisa! (Jesus, 1986, p. 13)

Por vezes a reprodução do racismo vinha da própria família de Carolina Maria de Jesus, que esquecia e ignorava a noção de uma menina ainda criança, lidando com algo tão forte.

– Mamãe! Mamãe... fala-me do mundo. O que quer dizer mundo?
 Ela me deu dois tapas, saí correndo e chorando.
 Minha tia Claudimira disse: – Você precisa dar um jeito nesta negrinha. Ela vai te deixar louca. (Jesus, 1986, p. 24)

No que diz respeito à escolaridade de Carolina Maria de Jesus, Moreno (2022) nos fala que Carolina Maria de Jesus teve seus estudos no Colégio Allan Kardec financiados pela patroa de sua mãe Maria Carolina de Jesus, a dona Maria Leite. Moreno também nos fala sobre o impacto que dona Maria Leite, uma senhora francesa muito rica daquela localidade, queria ter sobre as crianças:

– Eu sou francesa. Não tenho culpa da odisséia de vocês; mas eu sou muito rica, auxílio vocês porque tenho dó. Vamos alfabetizá-los para ver o que é que vocês nos revelam: se vão ser tipos sociáveis e tendo conhecimento poderão desviar-se da delinquência e acatar a retidão (Jesus, 1986, p. 123 apud Moreno, 2022, p. 17)

Moreno (2022) reflete ainda que em “Diário de Bitita” (1986), a mãe de Carolina Maria de Jesus acatou à ordem de sua patroa e a colocou na escola. Bitita, apelido dado à Carolina Maria de Jesus no período de sua infância em Sacramento, estudou então por dois anos no colégio espírita Allan Kardec, que mais tarde foi fechado pela igreja e pelas famílias católicas da época, segundo Miranda (2013). A escolaridade por outro lado, rara em pessoas negras segundo a autora, era o que de fato a incomodava. O desejo pelo hábito de leitura, fez a jovem Carolina Maria de Jesus querer se interessar ainda mais pela escrita e por se alfabetizar. Segundo ela,

Tinha uma pretinha Isolina que sabia ler. Era solicitada para ler as receitas. Eu tinha uma inveja da Lina! E pensava: “Ah! Eu também vou aprender a ler se Deus quiser! Se ela é preta e aprendeu, por que é que eu não hei de aprender?” Ficava duvidando das minhas possibilidades porque os doutores de Coimbra diziam que os negros não tinham capacidade. Seria aquilo perseguição? Qual era o mal que os negros haviam feito aos portugueses? Por que é que eles nos odiavam, se os negros eram pobres e não podiam competir com eles em nada? Aquelas críticas eram complexos na mente do negro. (Jesus, 1986, p. 43)

Cavalleiro (1999, p.40) nos diz que em uma sociedade como a brasileira, na qual predomina uma visão preconceituosa, historicamente construída a respeito do negro e, em contrapartida, a identificação positiva do branco, a identidade estruturada durante o processo de socialização terá por base a precariedade de modelos satisfatórios e a abundância de estereótipos negativos sobre negros. Isso leva a supor que uma imagem desvalorativa de negros, bem como a valorativa de indivíduos brancos no decorrer da formação dos indivíduos, por intermédio dos processos socializadores. O que nos leva a concordar com Nogueira (1998) sobre o corpo negro e as desigualdades que o cerca, tornando para si mesmo um ser em constante desvantagem social sobre o branco.

No que diz respeito ao contexto social da cidade de Sacramento, Carolina Maria de Jesus tinha uma percepção do ambiente que a rodeava, caracterizado por humilhações, más condições de vida, assédio sexual e por muitas vezes racismo. O contexto desse ambiente acabou se repetindo em certos pontos na vida de Carolina Maria de Jesus. Uma vida marcada por solidão e desprestígio social. Essa condição de submissão, nos faz refletir sobre os reflexos da sociedade racista sobre a população negra em uma fase em que o Brasil tentava se

tornar nação, conforme nos diz Munanga (1999). Em ‘Diário de Bitita’, por vezes Carolina Maria de Jesus relatou os episódios de racismo que marcaram sua infância:

Eu sabia que era negra por causa dos meninos brancos. Quando brigavam comigo, diziam: – Negrinha! Negrinha fedida! (Jesus, 1986, p. 92)

Então é você quem rouba as minhas frutas. Negra vagabunda. Negro não presta. Respondi: Os brancos também são ladrões porque roubaram os negros da África. Ela olhou-me com nojo. Imagina só se eu ia até a África para trazer vocês... Eu não gosto de macacos. Eu pensava que a África era a mãe dos pretos. Coitadinha da África que, chegando em casa, não encontrou os seus filhos. Deve ter chorado muito. (Jesus, 1986, p. 55)

Eu estava com cinco anos, achava esquisito aquelas cenas antagônicas, a minha mentalidade embrionária não me auxiliava a compenetrar aquelas divergências. Se o negro passava cabisbaixo, o branco xingava! – Negro, vagabundo! Eu não gosto desta raça! Eu tinha esta raça para o comércio. Eu pensava: “Meu Deus! Quem foi que começou essa questão, foi o preto ou foi o branco? Quem procurou o preto? Se foi o branco quem procurou o preto, ele não tem o direito de reclamar. O negro não invadiu suas terras, foram eles que invadiram as terras dos negros.” Ninguém para me explicar. A minha mãe já estava saturada com as minhas perguntas. (Jesus, 1986, p. 60)

Na adolescência, Carolina Maria de Jesus é acusada de roubo por um padre em Sacramento e diante de tanto racismo estrutural e preconceito da população, acabou saindo da cidade rumo à São Paulo. “Carolina foi presa injustamente duas vezes. Na primeira, foi acusada por policiais de exercer bruxaria por estar lendo um livro espírita. Depois da segunda prisão, quando foi acusada de roubar o dinheiro de um padre, a escritora migrou de Minas Gerais para São Paulo a pé.” Segundo informação do site Ponte Jornalismo, reportagem de Caê Vasconcelos (2025)³. Ela e a mãe foram levadas à cadeia e foram espancadas. Em 1937 sua mãe morreu. Aos 33 anos, Carolina Maria de Jesus decide ir embora de Sacramento.

Chorei pensando na quantidade de roupas que eu lavava e passava. Cuidar do quintal, olhar a casa quando ela estava ausente. Não roubava. Cuidava de tudo como se fosse meu. Decidi procurar outro emprego. Ou deixar o interior. Pretendia encontrar um trabalho com melhor remuneração. Eu tinha que aprender a reagir, a exigir respeito nos contratos de trabalho. Mas não tinha casa e já estava cansando da minha vida andarilha. A patroa era estrangeira, e eu nacional. Eu não podia competir com ela. Ela era rica, e eu pobre. Ela podia mandar prender-me. Continuei trabalhando. A patroa sorria e dizia que tinha encontrado uma idiota que trabalhava quase de graça. Depois do jantar eu saía andando pela cidade, procurando emprego. Eu estava sã. Não havia obstáculo para vedar-me. Indicaram-me uma professora que estava procurando uma criada para vir para São Paulo. Fui procurá-la, ela aceitou-me. Que alegria! Voltei correndo, fui preparar as minhas roupas. Não avisei a patroa que ia sair, ela já havia me despedido. Até que enfim, eu ia conhecer a

³ Disponível em:

<https://ponte.org/carolina-maria-de-jesus-a-escritora-que-ainda-precisa-ser-conhecida-e-reconhecida/> Acesso em: 30 mar. 2025

íclita cidade de São Paulo! Eu trabalhava cantando, porque todas as pessoas que vão residir na capital do estado de São Paulo rejubilam como se fossem para o céu. Quando cheguei à capital, gostei da cidade porque São Paulo é o eixo do Brasil. É a espinha dorsal do nosso país. Quantos políticos! Que cidade progressista. São Paulo deve ser o figurino para que este país se transforme num bom Brasil para os brasileiros. (Jesus, 1986, p. 202, 203)

Azeredo (2018) complementa falando que Carolina Maria de Jesus após ir embora de Sacramento em 1937, chega ao Rio de Janeiro e por fim, chega à São Paulo

De 1937 a 1949, nossa escritora passou por várias moradias e se deslocou por vários lugares, inclusive tendo uma passagem pelo Rio de Janeiro, na cidade de Nilópolis, na Baixada Fluminense, entre os anos de 1940 e 1942. Essa informação, pouco conhecida, até mesmo por seus familiares e por outros biógrafos, foi trazida pelo jornalista Tom Farias, que lançou a mais recente biografia da escritora.

É de todo factível supor – se que Carolina tenha chegado ao Rio no período de meados de 1940 e tenha permanecido parte do ano de 1942, mais ou menos. O que é interessante na reportagem publicada no jornal “A Noite”, do grupo Diários Associados, comandado por Assis Chateaubriand, é que vamos nos deparar com uma Carolina bastante falante, sem pudor, mas ao mesmo tempo ainda 26 “amargurada” com os percalços da sua vida. Ou seja, ao mesmo tempo, ela trabalha, sonha e sofre. (Farias, 2017, p. 113 apud Azeredo, 2018, p.25)

É importante contextualizar que o racismo estrutural, nesse período, na cidade de São Paulo se revelava de forma ostensiva com a segregação explícita da população negra. São Paulo se destacava pelo forte fluxo migratório. De acordo com Santos (2011), São Paulo se encontrava, na década que Carolina Maria de Jesus chegou à cidade, como uma grande metrópole urbanizada e industrializada, porém uma cidade planejada para os indivíduos que fossem da classe média, se baseando no valor do indivíduo. Após chegar em São Paulo, numa cidade informal, que se mostrava despreparada para receber a população negra, Carolina Maria de Jesus torna-se vítima dos mecanismos racistas que segregavam o espaço urbano de São Paulo. “Em São Paulo, onde faltam morrarias, as favelas se assentam no chão liso de áreas de propriedade contestada e organizam-se socialmente como favelas. Resistem quanto podem a tentativas governamentais de desalojá-las e exterminá-las.” (Ribeiro, 1995, p. 204). Sendo assim, a sociedade racista buscou justificar a segregação nas favelas pela cor da pele e, também, pela condição socioeconômica do indivíduo julgado pela alta sociedade detentora de privilégios. Porém, a ida para São Paulo também representava uma autonomia individual e uma utopia de liberdade, segundo Miranda (2013).

Segundo a Revista Matria 2021, da Confederação Nacional dos Trabalhadores da Educação (CNTE)⁴, Carolina Maria de Jesus, ao chegar à cidade de São Paulo, passa a morar

⁴ Disponível em: <https://assets.cut.org.br/system/uploads/ck/cnte/revista-matria-2021.pdf>
Acesso em: 08 de abril de 2025.

na rua, conseguindo depois de um tempo, um emprego de doméstica, na casa do médico Euryclides de Jesus Zerbini, precursor da cirurgia de coração no Brasil. A Revista *Mátria* (2021, p.24-27) nos traz a informação de que Zerbini tinha uma vasta biblioteca em casa e permitia à Carolina Maria de Jesus ler os livros nos dias de folga e que aos finais de semana, ela pedia para ficar na casa, instalada na biblioteca. Aos 33 anos, engravidou e não pôde mais trabalhar na casa do Dr. Zerbini.

Carolina Maria de Jesus, após a gravidez de João José, em 1949, engravidou de José Carlos em 1950, e de Vera Eunice em 1953, criando os filhos sozinha e passando a residir com eles na Favela do Canindé, uma das primeiras favelas do Brasil, para onde a prefeitura realocou os moradores de outras ocupações de São Paulo. Tal fato nos lembra a perspectiva adotada por González e Hasenbalg (1982) sobre as áreas desprivilegiadas em que as populações marginalizadas eram despejadas, com base em uma hierarquia social.

Carolina Maria de Jesus, em 1949, consegue sua moradia própria ao construir seu barraco na favela do Canindé, em São Paulo, onde vai morar por 11 anos e se tornará seu laboratório para escrever o livro autobiográfico que a tornou conhecida, o “Quarto de Despejo”. Do período de sua chegada à favela até a publicação do primeiro livro, em 1960, Carolina passou por vários subempregos, entre os quais a de catadora de lixo, que lhe garantiu acesso a livros e cadernos, nos quais escrevia seu diário. (Azeredo, 2018, p.26)

De acordo com as vivências, Carolina Maria de Jesus vai registrando, dia após dia, os relatos sobre suas experiências na Favela do Canindé. Surgindo então o começo do que se tornaria, futuramente, seu famoso livro “Quarto de Despejo”. O livro publicado se inicia em 15 de julho de 1955, diante de uma situação que Carolina Maria de Jesus relata não conseguir comprar um presente de aniversário para a filha. Após parar de escrever no diário, três anos depois, Carolina Maria de Jesus retorna às escritas afirmando não ser indolente (2021, p.33) e continua escrevendo até ser descoberta por Audálio Dantas⁵ em 1958.

⁵ Jornalista que “descobriu” e publicou a obra de Carolina de Jesus

2.1. Conhecendo Carolina Maria de Jesus e sua família através de fotografias

Imagem 3: Carolina Maria de Jesus e os filhos: João José, Vera Eunice e José Carlos



Fonte: Reprodução/ Redes Sociais: @netascarolinadejesus

<https://www.instagram.com/p/CMryuvTBVea/>

Imagem 4: Carolina Maria de Jesus e seu livro “Quarto de Despejo”



Fonte: Arquivo Audálio Dantas (1960)

Imagem 5: Carolina Maria de Jesus em ensaio fotográfico durante a fama



Carolina Maria de Jesus (Imagem do acervo do Jornal do Brasil - 07/11/1960) Foto: Alberto/cpdoc@jb.com.br

Imagem 6: Carolina Maria de Jesus em ensaio fotográfico durante a fama - II



Carolina Maria de Jesus. Imagem: Flickr.

2.2. Primeira aparição de Carolina Maria de Jesus na mídia

Imagem 7: Carolina Maria de Jesus no Jornal Folha da Noite de 1940



Fonte: Folha da Manhã (SP), 25 de fevereiro de 1940, Suplemento, página III —

<http://acervo.folha.uol.com.br/fdm/1940/02/25/1/>

A primeira aparição de Carolina Maria de Jesus foi em 1940, viabilizada por Willy Aureli no Jornal Folha da Manhã. Nele, Carolina Maria de Jesus publicou o poema “O Colono e o Fazendeiro”, reproduzido a seguir:

*Diz o brasileiro
Que acabou a
escravidão
Mas o colono sua o
ano inteiro
E nunca tem um
tostão.*

*Se o colono está
doente
É preciso trabalhar
Luta o pobre no sol
quente
E nada tem para
guardar.*

*Cinco da madrugada
Toca o fiscal a corneta
Despertando o
camarada
Para ir à colheita.*

*Chega à roça. O sol
nascer.
Cada um na sua linha
Suando e para comer
Só feijão com farinha.*

*Nunca pode melhorar
Esta negra situação
Carne não pode
comprar
Pra não dever ao
patrão.*

*Fazendeiro ao fim do
mês
Dá um vale de cem
mil-réis
Artigo que custa seis
Vende ao colono por
dez.*

*Colono não tem futuro
E trabalha todo dia
O pobre não tem
seguro
E nem aposentadoria.*

*Ele perde a mocidade
A vida inteira no mato
E não tem sociedade
Onde está o seu
sindicato?*

*Ele passa o ano
inteiro
Trabalhando, que
grandeza!
Enriquece o
fazendeiro
E termina na pobreza.*

*Se o fazendeiro falar:
Não fique na minha
fazenda
Colono tem que mudar
Pois há quem o
defenda.*

*Trabalha o ano inteiro
E no natal não tem
abono
Percebi que o
fazendeiro
Não dá valor ao
colono.*

*O colono quer estudar
Admira a sapiência do
patrão
Mas é um escravo, tem
que estacionar
Não pode dar margem
à vocação.*

*A vida do colono
brasileiro
É pungente e
deplorável
Trabalha de janeiro a
janeiro
E vive sempre
miserável.*

*O fazendeiro é rude
como patrão
Conserva o colono
preso no mato
É espoliado sem lei,
sem proteção
E ele visa o lucro
imediato.*

*O colono é obrigado a
produzir
E trabalha
diariamente
Quando o coitado
sucumbir
É sepultado como
indigente*

Os registros do jornal Folha da Noite nos possibilitam observar o trecho final da entrevista com o jornalista Willy Aureli:

— Que horas tem aí? — pergunta a poetisa.

— Meio-dia e meia...

— Céus! Tenho que me apressar. Está na hora da fábrica apitar...

— Sempre rimando.

— Está em mim, sou feita assim. Tá vendo?

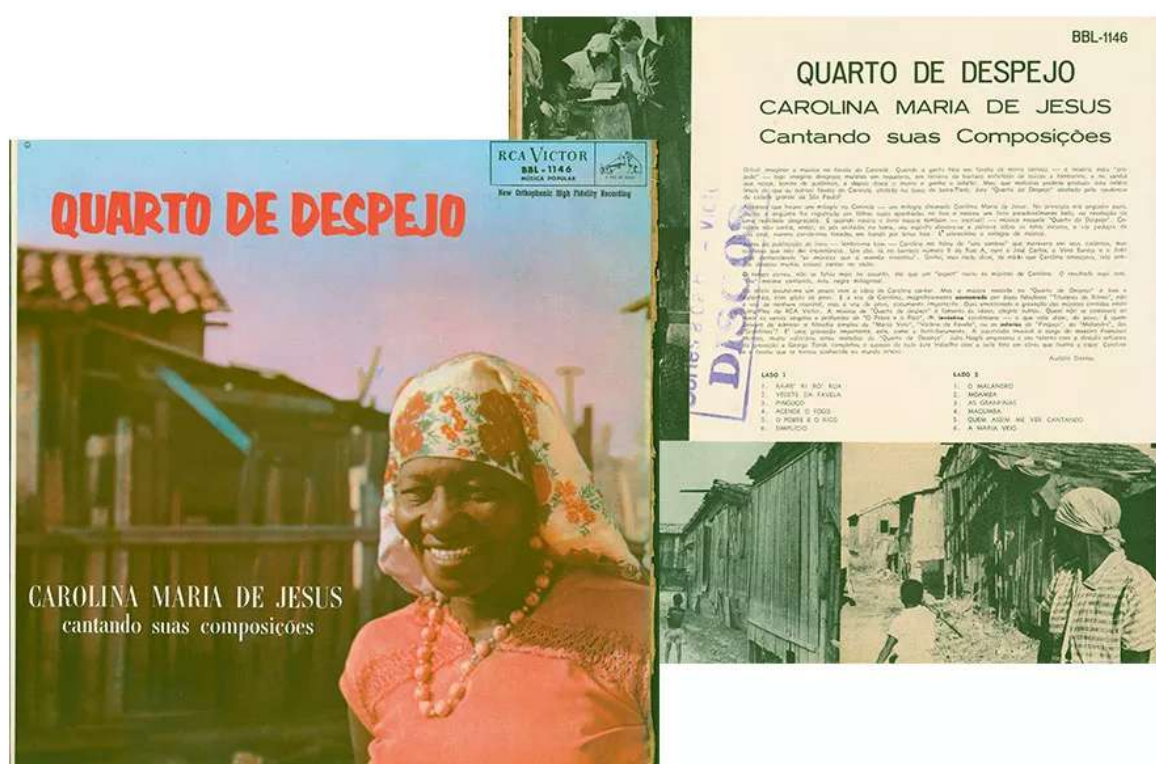
Prometeu regressar. Sorriu satisfeita quando o fotógrafo sincronizou a chapa. Cumprimentou a todos com um único gesto e saiu, por onde entrara, deixando uma esteira de simpatia.

É possível que ainda se torne célebre...

2.3. Carolina Maria de Jesus: Além de escritora, também compositora e cantora

Apesar do enorme sucesso como escritora, Carolina Maria de Jesus não foi reconhecida como cantora, na época. O disco abaixo contém composições feitas pela própria Carolina de Jesus, contendo marchinhas de carnaval, forró e samba, mostrando mais uma vez a grandiosidade de Carolina Maria de Jesus como uma pessoa multifacetada.

Imagem 8: O disco "Quarto de Despejo" (1961), de Carolina Maria de Jesus⁶



7

Fonte: (Foto: Disco Coleção José Ramos Tinhorão / Acervo Instituto Moreira Salles)

⁶ JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo: Carolina Maria de Jesus Cantando Suas Composições*. RCA Victor, 1961. Álbum musical.

⁷ Samba Letrado. *Carolina Maria de Jesus - Quarto de Despejo (Cantando Suas Composições) (1961)*. Youtube. 5 de Outubro de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hs0qcW7BMjw> Acesso: 09/04/2025.

2.4. Exposição “Carolina de Jesus: Um Brasil para os Brasileiros” Instituto Moreira Salles

Imagem 9: Exposição Carolina Maria de Jesus: um Brasil para os brasileiros, no IMS Paulista



Fonte: Adima Macena.

Imagem 10: Vera Eunice de Jesus na exposição



Fonte: Adima Macena.

Imagem 11: Marisa Regina Lima de Aquino, filha de Vera Eunice e neta de Carolina Maria de Jesus, com seus filhos na exposição



Fonte: Adima Macena

Imagem 12: Elisa, Lilian, Adriana e Eliane Carvalho de Jesus, netas de Carolina de Jesus na exposição



Fonte: Joana Reiss Fernandes

A exposição “Carolina de Jesus: Um Brasil para os Brasileiros”, do Instituto Moreira Salles, ocorreu entre 2021 e 2022, contribuindo para a continuidade da história de Carolina Maria de Jesus, ao promover a expansão da literatura contemporânea da autora para todos os públicos. A exposição pode ser visitada, virtualmente, e mostra a história de Carolina Maria de Jesus recontada pelos organizadores da exposição.⁸

Ficha da Exposição:

Curadoria: Hélio Menezes e Raquel Barreto

Projeto Gráfico: Estúdio Daó

Online: expocarolinamariadejesus.ims.com.br

Pesquisa de cinema e audiovisual: Bruno Galindo

Assistência de curadoria: Luciana Ribeiro

Projeto Expográfico: Isabel Xavier

Pesquisa de literatura: Fernanda Miranda

⁸ Instituto Moreira Salles; Maria Clara Villas. *Carolina Maria de Jesus: da montagem à exposição*. Youtube. 02 de Março de 2022. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=KqCIu8s8zcU>

Acesso: 10/04/2025

Imagem 13: Manuscrito de Carolina Maria de Jesus sobre o lançamento do livro

78 de agosto. de 1958.
 Vendo-me escrevendo. perguntam
 me: Dona Consolina, eu estou
 neste livro?
 - Dêixa eu ver!
 - Não. Quem vai ler isto, é o
 senhor Eudalio Dantas. Que
 vai publica-lo.
 - É porque é que eu estou
 misto?
 Você está aqui, porque naquele
 dia que o Arnim brigou com
 você e começou bater - te
 você saiu correndo para
 a rua. E as crianças começaram
 a rir e perguntavam: Porquê é
 que a banda das mulheres
 tá solteiras?
 Ela não gostou e disse-me:
 - O que é que a senhora ganhou
 com isto?

3. QUARTO DE DESPEJO: PROCESSO DE CRIAÇÃO À FAMA

“Quarto de Despejo: diário de uma favelada” da escritora Carolina Maria de Jesus é um diário escrito pela autora entre 1955 e 1960, sendo lançado como livro neste último ano citado. A obra nos traz reflexões sobre o ambiente ao redor de Carolina Maria de Jesus, sendo estes a Favela do Canindé e o centro da cidade onde ela recolhe os papéis, ambos em São Paulo.

A escritora nos apresenta o seu cotidiano através dos papéis que ela recolhe nas ruas para vender e o utilizava para contar sua dura vivência na Favela do Canindé. Carolina Maria de Jesus reflete sobre a fome, sobre a pobreza, o custo de vida, a desigualdade racial, social e de gênero, sobre a urbanização, tece diversas críticas aos políticos e também fala sobre seus sonhos, sendo o de sair da Favela do Canindé o principal deles.

A princípio, a escritora começa sua escrita e retorna três anos depois, conforme vimos anteriormente, porém, nos anos de 1958-1959, a escritora desenvolve grande parte do conteúdo de “Quarto de Despejo”, contando sobre o ambiente em que ela morava, ou catava papel, e o que acontecia nele. Percebemos na obra uma enorme vontade de sair daquela realidade repleta de injustiças.

O contexto social que Carolina Maria de Jesus nos apresenta, na obra, é de muitos episódios de fome, brigas entre vizinhos e incansáveis tentativas de Carolina Maria de Jesus em sobreviver com seus filhos à desigualdade e pobreza que viviam. Os filhos, João José, José Carlos e Vera Eunice, são o motivo principal da escritora não desistir de viver e também de sonhar com uma realidade melhor. Os três filhos de Carolina Maria de Jesus estão sempre lidando com a escassez de alimentos e Carolina Maria de Jesus sempre está em constante desespero para poder comprar alimentos, de acordo com os relatos que ela escreve na obra.

No ano de 1958, Audálio Dantas vai à Favela do Canindé fazer uma reportagem, e lá encontra Carolina Maria de Jesus brigando com vândalos e ameaçando colocar seus nomes no seu livro, segundo Farias (2017). Audálio Dantas então pede à Carolina Maria de Jesus que apresente o livro a ele e Carolina Maria de Jesus acaba o levando em seu barracão e mostrando seus diários manuscritos. Conforme Nascimento (2020),

Em 1960, Carolina Maria de Jesus, moradora da favela do Canindé em São Paulo, veio a público no Brasil com seu primeiro livro, Quarto de despejo: diário de uma favelada. Descoberta pelo jornalista Audálio Dantas, que a conheceu quando ele fazia uma matéria sobre a favela dois anos antes, a mídia transformou a escritora em uma celebridade. O diário foi traduzido para 14 línguas, e, tanto no Brasil quanto no exterior se tornou um bestseller de imediato.

Após lançar o livro, Carolina Maria de Jesus se mudou da Favela do Canindé, em busca de uma vida melhor e tranquila para ela e os filhos. A obra fez muito sucesso, o que garantiu à ela muito dinheiro e viagens para a divulgação da venda do livro, porém, pouco tempo depois, Carolina Maria de Jesus lança outras obras, como “Casa de Alvenaria” e “Pedacos da Fome”, mas as obras não conseguem atingir o mesmo sucesso de “Quarto de Despejo”. Por fim, a escritora se muda para Parelheiros, em São Paulo, onde compra um sítio e plantava seu próprio alimento. Em meio ao esquecimento e ao retorno da pobreza na época, Carolina Maria de Jesus morreu em 1977, em decorrência de uma crise asmática.

3.1. Estudos sobre Carolina Maria de Jesus e o Quarto de Despejo

Moreno (2022), classifica Carolina Maria de Jesus da seguinte maneira: “Carolina Maria de Jesus, mulher negra, pobre, favelada, mãe solteira e catadora de papel, assim se apresenta a autora, mas nada disso a fazia aceitar essa condição e esperar pela morte.” (Moreno, 2022, p.23). O que por vezes é comprovado em Quarto de Despejo, seu livro de maior sucesso comercial.

Carolina Maria de Jesus, apesar de toda sua dificuldade e realidade, da sua luta pela sobrevivência e pelo abandono social que passava, ela não abandonou a si mesma, ou seja, durante o dia ela catava os reciclados para alimentar os filhos e a si própria, porém nas horas vagas ela alimentava o corpo e a mente. (Moreno, 2022, p. 25)

Moreno (2022), ainda nos destaca sobre o vocabulário erudito e a boa dialética, adquiridos por parte inicial na infância, que fizeram Carolina Maria de Jesus se destacar, na qual se nomeava superior para a realidade em que vivia. Do ponto de vista de Moreno (2022) a escrita e leitura de Carolina Maria de Jesus descreviam além do que a escritora via, pois denunciavam o descaso do governo, que nunca olhou para sua situação. Carolina Maria de Jesus, então, segundo Moreno (2022), utilizou a escrita para relatar as desigualdades, sem vergonha do que estaria “certo” ou “errado”, transcrevendo para o papel toda sua indignação.

Tremba (2020) reflete sobre a fome como protagonista no diário, diante da criação dos três filhos de Carolina Maria de Jesus: João José, José Carlos e Vera Eunice, além de descrever o cotidiano sofrido pela família e descrever o contexto social da Favela do Canindé. Oliveira (2020, p.37) nos diz que a literatura de Carolina Maria de Jesus é literatura negra, de representatividade e de extrema importância na contemporaneidade. Para Oliveira (2020), interpelamos a literatura marginal com a ideia de margem, de sujeito excluído, desvalorizado

e silenciado por uma sociedade que sempre viu a literatura branca como pomposa e ideal para os leitores. Portanto, Carolina Maria de Jesus é importante na literatura por sua representatividade de resistência.

As categorias de análise da obra “Quarto de Despejo” presentes nessa pesquisa, sendo elas pobreza, urbanização e desigualdade social, são importantes para podermos compreender o contexto que Carolina Maria de Jesus denuncia e os situam no decorrer desta pesquisa. A obra nos permite aprofundar nas vivências da escritora, nos permitindo através da leitura, imaginar o contexto social e as injustiças sociais que Carolina Maria de Jesus e os filhos passam diariamente.

A pobreza é motivo principal dos lamentos da escritora, seja através da fome, ausência de renda ou até mesmo a falta recursos materiais que permitiriam Carolina Maria de Jesus e os seus filhos terem uma vida digna. A pobreza é caracterizada por diversas passagens no livro, através dela, a escritora passa a ter reflexões sobre as desigualdades que sempre a cercou em sua vida.

A desigualdade social em ‘Quarto de Despejo’ tem como objetivo ser combatida através dos estudos dos filhos, segundo a visão de Carolina Maria de Jesus. A escritora não explora em momento algum a mão de obra infantil vinda dos filhos, o que poderia ser considerada uma opção para complementar a renda da família, se levarmos em consideração o contexto social dos outros moradores da Favela do Canindé. Carolina Maria de Jesus teve pouca escolaridade, apenas dois anos de grupo escolar no Colégio Allan Kardec, em Sacramento. Apesar disso, ela sempre reconheceu, desde a época que teve os estudos bancados pela patroa de sua mãe, que o estudo seria a única forma de poder combater às desigualdades que a cercavam.

A urbanização por si, já se apresenta através do título do livro, através da palavra “Despejo”. A expressão utilizada por Carolina Maria de Jesus, mostrava que a Favela do Canindé estava sendo utilizada como local de despejo, novamente devemos lembrar de González e Hasenbalg (1982) sobre o lugar das populações negras. Esse lugar será desfavorável, apresentando ausências de políticas públicas, saneamento básico e infraestrutura urbana adequada para os moradores.

Portanto, as categorias de análise situadas, nos permitem observar como a branquitude, segundo a obra de Bento (2022), mantém seus privilégios raciais por meio de um pacto implícito que garante a exclusão de pessoas negras de direitos de inclusão e permanência, tal fato nos lembra sobre o racismo estrutural, sendo este a justificativa dessa ação. Almeida

(2019) e Carneiro (2005) nos falam sobre os impactos do racismo estrutural sobre as pessoas negras, retirando delas direitos humanos e inclusões sociais.

3.2. Vida pós-fama: A importância de Carolina Maria de Jesus para a literatura e a educação brasileira

Após lançar “Quarto de Despejo”, Carolina Maria de Jesus passou então a ser perseguida na Favela do Canindé, por contar sobre o cotidiano de sua vida, mas também por citar nomes dos moradores no livro e teve que se mudar do local às pressas. Quando Audálio Dantas encontrou Carolina Maria de Jesus na Favela do Canindé, ela tinha um histórico de militância nos jornais: desde o início de 1940⁹, já concedia entrevistas para divulgar textos de sua autoria, afirma Farias (2017). Com a popularidade de vendas da obra, Carolina Maria de Jesus passou a ser assediada pela mídia, que enxergava sua literatura como exótica. Carolina Maria de Jesus teve um sucesso estrondoso com “Quarto de Despejo”, quebrando recordes de venda e batendo de frente com escritores renomados na época como Jorge Amado. Bernardo (2020), afirma que em meses, “Quarto de Despejo” entrou para a lista dos mais vendidos, desbancando, entre outros, “Gabriela” (1958), de Jorge Amado, e merecendo elogios de Ferreira Gullar (1930-2016), Manuel Bandeira (1886-1968) e Clarice Lispector (1925-1977). “Você é a única que conta a realidade”, disse a autora de “A hora da estrela” (1977). Carolina Maria de Jesus também viajou para outros países, de avião, tais como Argentina, Uruguai e Chile, divulgando o lançamento do livro.

Com o dinheiro do livro, Carolina Maria de Jesus comprou uma casa em Santana, bairro de classe média na zona norte de São Paulo, onde novamente passou a ser assediada e perseguida por pessoas que à procuravam pedindo ajuda. Como não sabia administrar o dinheiro que recebia, Carolina Maria de Jesus foi ficando pobre novamente. Pouco depois, vendeu a casa e comprou um sítio na região de Parelheiros. Lançou mais três livros: “Casa de Alvenaria” (1961), “Pedacos de Fome” (1963) e “Provérbios” (1963). Nenhum deles repetiu o sucesso do livro de estreia e, a certa altura, a escritora voltou a vender papelão para sobreviver, conforme nos fala Bernardo (2020).

Sobre a morte de Carolina Maria de Jesus, Bernardo (2020) aponta que ela foi vítima de bronquite asmática. Carolina Maria de Jesus morreu no anonimato e na pobreza, em 13 de fevereiro de 1977, aos 64 anos. “Sua obra foi sequestrada pelo ‘memoricídio’ que sempre se abate sobre tudo o que vai além do mainstream acadêmico e editorial, sobretudo no que diz

⁹ AURELI, W. Carolina Maria, poetiza preta. Folha da Manhã, São Paulo, 25 fevereiro de 1940.

respeito à literatura negra e/ou feminina. Digo sempre: nenhum país passa impunemente por mais de 300 anos de escravidão e, talvez, essa herança maldita ainda perdure por um bom tempo”, lamenta Eduardo de Assis Duarte, da UFMG, em entrevista a Bernardo (2020).

Para quem pensa que Carolina de Jesus é autora de uma obra só, ela deixou um vasto material inédito, que inclui mais de 60 textos curtos, entre cartas, contos e crônicas, e cerca de 100 poemas. Boa parte deste material será publicada pela Companhia das Letras. “São, completos, cinco romances, dois ainda sem títulos, num total de sete narrativas. Além disso, Carolina deixou centenas de páginas de apontamentos pessoais, letras de músicas, e até cinco peças teatrais. O universo narrativo de Carolina ainda é bastante amplo e desconhecido”, avalia Tom Farias (Bernardo, 2020, Portal Geledés).

Sobre sua importância no campo literário, podemos concordar com Rocha (2023), quando ele afirma:

Nesse sentido, é perceptível que o texto de Carolina aliado ao contexto produzido representa a violência da sociedade brasileira confrontando-a. Sua literatura, portanto, além de ser uma escrivência é marginal uma vez que ela como sujeita histórica surge e traz para a superfície uma realidade até então que estava “ocultada”, dando voz àqueles que historicamente foram silenciados. (Rocha, 2023, p.63-64)

Evaristo (2020, p.12) fala sobre a escrivência¹⁰ de Carolina Maria de Jesus, enfatizando que “a nossa escrivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos.” A escrita nunca é inocente, traz em cada letra um propósito político em seu sentido mais amplo, assim toda a subjetividade de Carolina Maria de Jesus está transcrita, assim como sua posição em seus escritos, e toda essa força advém de sua caminhada. Em um contexto mais amplo, ela se rebela ao escrever, sua escrita de rés-do-chão demonstra seus passos marcados pela repressão vivida. Pensando no âmbito literário sua escrita ao mesmo tempo que foi aceita, também foi excluída, assim como seu corpo, conforme os estudos de Rocha (2023, p.62).

Portanto, podemos concordar que Carolina Maria de Jesus foi uma importante escritora negra brasileira, trazendo visibilidade para a realidade da favela em suas obras, além de também ser uma representatividade negra de grande importância no campo literário brasileiro, se destacando por sua linguagem direta e marcante. A literatura de Carolina Maria de Jesus é de suma importância no contexto escolar, promovendo diálogos e reflexões sobre as desigualdades, sobre o debate da raça, gênero e identidade. Carolina Maria de Jesus e suas

¹⁰ Este conceito foi cunhado por Conceição Evaristo, e seu significado segundo a mesma é a junção entre “escrever” e viver”, ou seja, é uma forma de “escrever vivências” (Rocha, 2023, p.62)

obras como Quarto de despejo (2021), Diário de Bitita (1986), Casa de Alvenaria: Santana e Osasco (2021), Provérbios (1963), Pedacos da Fome (1963) e etc, contribuem para a formação do pensamento crítico de nossos alunos. Todas essas obras, de forma interdisciplinar, podem fazer parte do contexto de diversas matérias, como Literatura, História, Sociologia, Artes, Geografia, entre outras.

Carolina Maria de Jesus, como outros agentes históricos que representam essa ressignificação das identidades étnico raciais têm sido redescobertos, por historiadores e críticos literários, a partir das novas abordagens que buscam sujeitos históricos que transgrediram às estruturas tradicionais e que contribuíram para o estabelecimento de outras identidades (Azeredo, 2018, p.27)

Em suma, reconhecemos também as contribuições de Carolina Maria de Jesus no meio acadêmico, contribuindo para efetivação de políticas de inclusão e permanência, além de enriquecer os debates raciais e de gênero com suas obras literárias. Tal fato lhe rendeu a titulação de Doutora Honoris Causa na Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ em 2021, conforme informa o portal G1.¹¹ Também, no ano de 1960, Carolina Maria de Jesus recebeu o diploma de membro honorário da Academia de Letras da Faculdade de Direito de São Paulo (Castro; Machado, 2007).

Imagem 14: Carolina Maria de Jesus autografando exemplares do Quarto de Despejo



Fonte: Arquivo Nacional

¹¹ Disponível em:

<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/02/25/escritora-carolina-maria-de-jesus-ganha-titulo-de-doutora-honoris-causa-da-ufrj.ghtml> Acesso em: 10 de abril de 2025.

Imagem 15: Carolina Maria de Jesus viajando para divulgar “Quarto de Despejo”



Fonte: Facsímile Casa de Alvenaria

Imagem 16: Carolina Maria de Jesus na sua casa em Parelheiros, 1969.



Fonte: O GLOBO

4. COMO A OBRA QUARTO DE DESPEJO NOS AJUDA A PENSAR O RACISMO ESTRUTURAL NO BRASIL PÓS-ABOLIÇÃO?

A obra “Quarto de Despejo” de Carolina Maria de Jesus contribui muito para a reflexão do racismo estrutural na sociedade brasileira, trazendo debates necessários para que possamos refletir sobre as desigualdades e segregações que a população negra vivia na cidade de São Paulo. Antes de tudo, precisamos falar do pós-abolição que representou para a população negra liberdade, mas também desigualdades. Essas desigualdades se tornam plurais, tornando a população negra, recém alforriada, marginalizada.

Podemos dizer que o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam. (Almeida, 2019, p.22)

De acordo com os estudos de Almeida (2019) sobre o racismo, refletimos que o racismo estrutural opera como um sistema de relações sociais, onde o racismo não é apenas um conjunto de atitudes individuais e sim uma estrutura que molda as relações políticas, econômicas e familiares, ocasionando então no racismo como parte integrante da própria estrutura da sociedade.

Embora haja relação entre os conceitos, o racismo difere do preconceito racial e da discriminação racial. O preconceito racial é o juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertençam a um determinado grupo racializado, e que pode ou não resultar em práticas discriminatórias. (Almeida, 2019, p. 22)

O racismo estrutural, por vezes, acompanhava a população recém-liberta e de fato, se descendia como herança do colonialismo. Concordando com Mbembe (2014), vemos então os riscos que a população negra passa a enfrentar, diante dessa nova fase do capitalismo constituído no Brasil, os tornando, ainda mais, em humanidades subalternas, mediante a exploração capitalista. Sendo assim, Memmi (1977) nos dá evidências de que a condição social e econômica do negro, no período pós-abolição, são consequências de um processo de opressão colonizadora, em que o ex-colonizado enfrentava para poder ter sua liberdade completa, sendo através de uma reconquista sobre a condição de escravizado que o desmoralizou, não só materialmente, como corporalmente e espiritualmente.

O pós-abolição trouxe também outra questão: a preocupação da elite escravocrata branca em apagar os traços de escravização no Brasil. Munanga (1999) nos fala sobre essa

busca da elite brasileira na ciência europeia ocidental, no fim do século XIX. Procuravam explicar a situação racial do país, além de propor um símbolo de identidade nacional, tendo como dificuldade a diversidade racial brasileira.

O fim do sistema escravista, em 1888, coloca aos pensadores brasileiros uma questão até então não crucial: a construção de uma nação e de uma identidade nacional. Ora, esta se configura problemática, tendo em vista a nova categoria de cidadãos: os ex-escravizados negros. Como transformá-los em elementos constituintes da nacionalidade e da identidade brasileira quando a estrutura mental herdada do passado, que os considerava apenas como coisas e força animal de trabalho, ainda não mudou? Toda a preocupação da elite, apoiada nas teorias racistas da época, diz respeito à influência negativa que poderia resultar da herança inferior do negro nesse processo de formação da identidade étnica brasileira. A pluralidade racial nascida do processo colonial representava, na cabeça dessa elite, uma ameaça e um grande obstáculo no caminho da construção de uma nação que se pensava branca, daí por que a raça tornou-se o eixo do grande debate nacional que se travava a partir do fim do século XIX e que repercutiu até meados do século XX.[...] (Munanga, 1999, p. 51).

Portanto, podemos concordar com Fanon (1968; 2008) sobre esse processo do pós-abolição. A experiência vivida pelo negro desde a diáspora até a escravização, tendo essa ocasionado na transformação do corpo negro em objeto pelo branco, tentou fazer dele incapaz de estar em espaço aberto com o outro, e, além disso, também expõe a violência mesmo diante do pós-abolição. A colonização por si nunca será esquecida pelos negros em meio às causas das guerras colonias e seus tormentos mentais¹².

Falola (2020) também nos fala sobre o impacto do colonialismo sobre as culturas africanas, tendo o poder de torná-las estranhas e deixar as tradições antigas passar por um processo de alienação, afinal de contas as ideias e imposições dos colonizadores, de certo modo, implica ajustes profundos às novas realidades. Ocasionalmente então a experiência colonial em singular, tendo em consideração as diferenças entre as culturas dos colonizadores e a dos sujeitos colonizados, os primeiros impunham uma superioridade sobre suas culturas. Para Bhabha (1998), no pós-colonial e pós-moderno, a sobrevivência das culturas mostram uma resistência diante do colonialismo. Portanto, o fator cultural revelou-se como um fator fundamental para a resistência aos mecanismos racistas e discriminatórios da sociedade racista, garantindo a resistência e permanência da cultura negra e mostrando sua grandiosidade no pós-moderno, o que por vezes Carolina Maria de Jesus nos mostra em “Quarto de Despejo”.

¹² Como assim? No momento em que eu esquecia, perdoava e desejava apenas amar, devolviam-me, como uma bofetada em pleno rosto, minha mensagem! O mundo branco, o único honesto, rejeitava minha participação. De um homem exige-se uma conduta de homem; de mim, uma conduta de homem negro – ou pelo menos uma conduta de preto. Eu acenava para o mundo e o mundo amputava meu entusiasmo. (Fanon, 2008, p. 107)

Nascimento (1978) nos fala sobre essas feridas causadas pelo colonialismo e a discriminação racial na contemporaneidade da realidade racial, onde o negro se encontrava fora da realidade da sociedade vigente, sendo excluído de representações em qualquer área envolvendo decisões e mediante às desigualdades sociais construídas a partir desse contexto. Foucault (1999, p.38) analisa sobre a dominação da classe burguesa em querer controlar, vigiar e regulamentar as forças produtivas e a moralidade, pelo lucro e pela utilidade política que a técnica e o procedimento da exclusão produziram. Foucault também nos fala que esse mecanismo se iniciou com uma micromecânica do poder, exercida no exército, na escola, nas prisões, nos hospitais e se alastrou para outros campos da sociedade, ao serem “incorporados ao sistema do Estado inteiro” (1999, p. 39). Concordando com o autor, Carneiro (2005), através da teoria foucaultiana dos dispositivos de poder para analisar as relações sociais, reflete mais sobre esse assunto, afirmando que “a ignorância dos mecanismos cotidianos produzidos no interior do dispositivo, dos quais o racismo se utiliza para discriminar, rebaixar, desvalorizar, conduzem à desvalorização da dor e do sofrimento a que as pessoas são também cotidianamente submetidas.” (Carneiro, 2005, p. 291).

Por fim, conforme os estudos de Fanon (1968; 2008) e Davis (2016), refletimos que o racismo provoca diversos sintomas, traumas e consequências na vida das pessoas negras. As pessoas de pele preta, por vezes sentem essa dor ainda mais forte. A sociedade julga e incrimina por causa da cor da pele. Esse sentimento de superioridade, por vezes traz ao negro brasileiro, temos aqui como exemplo Carolina Maria de Jesus, consequências físicas, mentais, sociais e sentimentais. As consequências físicas vêm por conta de doenças crônicas. As consequências mentais são: depressão, ansiedade e baixa auto-estima. As consequências sociais pelo desemprego, empobrecimento, vitimização pela violência, dificuldades de acesso a cuidados de saúde de qualidade e as dificuldades de acesso a posições formais com salários mais altos. As consequências sentimentais, principalmente ligadas às mulheres negras, vêm da solidão e da ideia de “uma mulher guerreira” e aos homens, o sentimento de inutilidade, também remetendo à ideia de “homem forte”, um homem que não chora. Além do mais, também temos as consequências ambientais, onde a falta de acesso à uma moradia digna e água potável, podem favorecer certos grupos e segregar outros.

4.1. Desigualdade social e racial: entre a hierarquização social e a construção de identidade

Em “Quarto de Despejo” o constante relato de racismo vivido por Carolina Maria de Jesus, nos faz refletir sobre o sentido de raça que hierarquiza os grupos humanos, justificado no colonialismo e que permanece na sociedade, mesmo após a abolição, conforme o trecho a seguir:

16 de Junho de 1958 - [...] ...Um dia, um branco disse-me: —Se os pretos tivessem chegado ao mundo depois dos brancos, aí os brancos podiam protestar com razão. Mas, nem o branco nem o preto conhece a sua origem. O branco é que diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebe pinga, o branco bebe. A enfermidade que atinge o preto, atinge o branco. Se o branco sente fome, o negro também. A natureza não seleciona ninguém. (Jesus, 2021, p. 63-64)

De acordo com Munanga (2004), a raça no sentido de hierarquização é um conteúdo morfo-biológico, diferentemente da etnia, que é sócio-cultural, histórico e psicológico. Enquanto a raça possui um conjunto populacional dito pelo colonizador, baseado na sua superioridade em relação às outras raças, a etnia possui um conjunto de indivíduos que historicamente ou mitologicamente, possui um ancestral em comum, uma cosmovisão em comum, uma mesma cultura, uma mesma língua e moram no espaço geográfico em comum.

Por que então, classificar a diversidade humana em raças diferentes? A variabilidade humana é um fato empírico incontestável que, como tal merece uma explicação científica. Os conceitos e as classificações servem de ferramentas para operacionalizar o pensamento. É neste sentido que o conceito de raça e a classificação da diversidade humana em raças teriam servido. Infelizmente, desembocaram numa operação de hierarquização que pavimentou o caminho do racismo. A classificação é um dado da unidade do espírito humano. Todos nós já brincamos um dia, classificando nossos objetos em classes ou categorias, de acordo com alguns critérios de semelhança e diferença. (Munanga, 2004, p. 2)

Em suma, segundo Munanga (2004), a raciologia produzia o fruto da hierarquização das diferenças, que condicionava o branco como um ser superior, baseando-se em um conteúdo mais doutrinário do que científico, buscando assim justificar e legitimar o sistema de dominação racial, ao invés de explicar a variabilidade humana. A classificação da raça baseada no sentido biológico contribuiu para inúmeras desigualdades na vida de Carolina Maria de Jesus e também da população negra no país, essa hierarquização produziu muitos atrasos para a população negra do país. Munanga (2004) nos diz também sobre como o mito

da democracia racial¹³ atrasou e bloqueou o Brasil nos debates das questões étnico-raciais, como por exemplo as políticas de ações afirmativas e o debate sobre o multiculturalismo sobre o sistema educacional brasileiro. González (2020, p.171) reflete sobre como o mito da democracia racial, o racismo e a discriminação racial são responsáveis por desigualdades terríveis que vão desde o salário que a população negra ganha até nos problemas de estruturas familiares. Isso explica a causa de tamanha desigualdade social na vida de Carolina Maria de Jesus e nas gerações subsequentes, pois não existiam possibilidades de inclusão na sociedade e no mercado de trabalho da época. Nas palavras da autora,

16 de Junho de 1958 - ...Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me: —É pena você ser preta. Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rústico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. E indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta. (Jesus, 2021, p. 63-64)

Conforme nos aponta González (2020, p.263), a população negra brasileira se encontra numa situação que não é muito diferente de há noventa anos atrás, pois as formas de dominação e exploração não acabaram com a falsa abolição, mas simplesmente se modificaram. A população negra continua marginalizada na sociedade brasileira que os discrimina, esmaga e empurra ao desemprego, subemprego, à marginalidade, negando-nos o direito à educação, à saúde e à moradia decente.

González (2020, p.271) também afirma que enquanto a questão negra não for assumida pela sociedade brasileira como um todo, negros e brancos, e juntos refletirmos, avaliarmos, desenvolvermos uma *práxis* de conscientização da questão da discriminação racial neste país, vai ser muito difícil, no Brasil, se chegar ao ponto de efetivamente sermos uma democracia racial.

Gomes (2002, p. 40) nos fala sobre o isolamento e a diferença racial de tratamento na sociedade, “[...] a diferença racial é transformada em deficiência e em desigualdade e essa transformação é justificada por meio de um olhar que isola o negro dentro das injustas condições socioeconômicas [...]” A construção da identidade do negro, é de certo modo, oposta a identidade do branco, mas também é atravessada pela negociação, o conflito e o diálogo, ocasionando implicações e afastamentos. Ou seja, se voltarmos desde a infância de

¹³ O mito da democracia racial refere-se a ideia de que o Brasil não possuía racismo, tendo todas as pessoas as mesmas oportunidades e igualdades na sociedade brasileira. Essa ideia foi desmentida por Florestan Fernandes (1965), que destacava que mesmo em uma sociedade miscigenada, os negros ainda se mantinham em desvantagem.

Carolina Maria de Jesus, citada em “Diário de Bitita”, já notamos essa diferenciação de tratamento com Carolina Maria de Jesus, uma menina negra que desde o contexto escolar percebe a diferença de tratamento entre brancos e negros, ocasionando em privilégios para a população branca e tornando a vida da população negra desigual.

Munanga (2009) diferencia identidade objetiva de identidade subjetiva, sendo a objetiva é apresentada através das características culturais e linguísticas, enquanto a subjetiva é proposta pela visão de como o próprio grupo se define ou é definida pelos grupos vizinhos. Gomes (2012a, p. 43) nos fala sobre como a identidade negra vai se formando ao longo do tempo, de acordo com as experiências e histórias da população negra.

A identidade negra é entendida, aqui, como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro.

Sendo assim, a concepção de identidade para Gomes (2012a), mostra que ela vai além do imposto pelo colonialismo, pois se constitui como um firmamento de pertencimento, sendo importante para a relação do indivíduo com a sociedade. Essa afirmação, nos faz concordar com Souza, ao explicitar que

A descoberta de ser negra é mais do que a constatação do óbvio [...]. Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades. (Souza, 2021, p. 46)

Souza (2021) fala sobre o processo de entender e viver a experiência de ser negra. No contexto infantil de Carolina Maria de Jesus, não se trata apenas de perceber que é negra, mas de passar por uma trajetória de vida difícil, onde muitas vezes a identidade é negada e distorcida pela sociedade racista, procurando inferiorizar o sujeito negro, como no caso de Carolina Maria de Jesus. De acordo com Bento (2022), o pacto da branquitude buscou criar uma identidade comum, ou seja, um lugar estrutural onde o sujeito branco se impunha na sociedade como um ser único. Esse pacto que exclui quem não se assemelha a ele, faz com que a meritocracia seja justificada através do mérito, onde o indivíduo que se encontra em desigualdade na sociedade, não tem vez de crescer, enquanto apenas o branco ocupa espaços de destaque na sociedade.

“[...] raça não é usado com um sentido reduzido e tradicional, ou seja, que os grupamentos sociais com características biológicas semelhantes, geralmente transmitidas por hereditariedade e que são visíveis a olho nu como: a cor da pele, o tipo de cabelo, entre outros, são superiores ou inferiores entre si. Abandona-se o determinismo biológico que perpassa o termo e o redimensiona com uma perspectiva política. Entendo raça como um conceito relacional, que se constitui historicamente e culturalmente, a partir de relações concretas entre grupos sociais em cada sociedade. (Gomes, 1995, p. 49)

Entretanto, conforme reflete Gomes (1995) para combater as heranças coloniais do pacto da branquitude, é necessário reconhecer a ressignificação do termo raça, que trouxe consigo uma diferença, a importância da permanência e inclusão na sociedade, ao contrário do que o termo baseado no biológico procurava: segregar. Nesse sentido, torna-se claro como receber a educação escolar, no caso de Carolina Maria de Jesus quando criança, pode ter um impacto profundo e duradouro no desenvolvimento infantil até a vida adulta.

Freire com suas obras (1968; 1996) nos convida a refletir sobre a opressão e sobre a autonomia. Freire (1968) enfatiza sobre a importância da conscientização, sendo esse o processo em que o indivíduo se torna consciente de sua condição social e política, e, a partir disso, busca transformá-la através da educação como um instrumento de libertação e emancipação. Sobre a autonomia, Freire (1996) ele enfatiza sobre a importância de uma educação baseada no diálogo, na escuta e na construção coletiva do conhecimento. Podemos então concluir sobre o importante papel da educação na vida de Carolina Maria de Jesus, que diante da opressão da sociedade, sempre foi uma mulher autônoma, por mais que não tivesse as condições sociais para viver com dignidade na época da construção do livro, a escritora sempre acreditou na educação como possibilidade de emancipação.

Na obra “Quarto de Despejo”, Carolina Maria de Jesus, por vezes, relata as dificuldades em criar os filhos sozinha. Episódios de fome, falta de acesso à inclusão e acesso às políticas públicas, se dão por origem em diversos aspectos, um deles é o fato dela ser uma mulher negra e mãe solo. Carolina Maria de Jesus não fala dos pais de João José e José Carlos, mas menciona bastante o pai de Vera Eunice. O pai de Vera é um homem que não cumpre com as obrigações de pai com a filha. O mesmo não recebe uma identificação direta no diário e só dá dinheiro à Carolina, quando a mesma ameaça colocar o nome dele no diário. Apesar das constantes dificuldades, a força de trabalho de Carolina Maria de Jesus e os papéis catados na rua é que garantiram a comida, roupa e sapatos dos filhos. Além de reconhecer a importância da escolaridade e da educação em sua vida, Carolina Maria de Jesus sempre incentivava os filhos a frequentar a escola e ter o hábito de leitura. Ela se preocupava com as

crianças, educando-as para se tornarem cidadãos autônomos e críticos, conforme o trecho que se segue:

04 de novembro de 1958 - ...Cheguei em casa cansada e com dor no corpo. Encontrei a Vera na rua. O bendito João, o meu filho manequim, não presta atenção em nada. O barraco estava aberto e os sapatos espalhados pelo assoalho. Ele não pois fogo no feijão. (...) Era 6 e meia quando o João apareceu. Mande ele acender o fogo. Depois dei-lhe uma surra. Com uma vara e uma correia. E rasguei-lhe os Gibis desgraçados. Tipo da leitura que eu detesto. (Jesus, 2021, p. 123)

Bourdieu (1998), atribui ao capital cultural como um conjunto de conhecimentos, habilidades, educação e maneiras de falar que o indivíduo possui. Esse conceito torna-se central na reprodução social, onde muitas vezes o indivíduo que herda esse capital cultural, desempenha um papel crucial no combate às desigualdades sociais. O que nos lembra Carolina Maria de Jesus, que possuía um alto grau de letramento crítico, para influenciar os filhos nas leituras. Carolina era uma mulher vaidosa, gostava de ouvir rádio, dançar tango e escrever. Mesmo diante do quarto de despejo de São Paulo, ela se destacava por conta do seu enorme grau de cultura e letramento. Sua preocupação exclusiva com os filhos, garantia a eles o acesso à escola e uma dedicação exclusiva, pois ela enxergava os estudos como uma possibilidade de mudança.

Tal fato, nos faz concordar com hooks (2013) e Davis (2016) sobre o fenômeno da escolaridade na vida de Carolina Maria de Jesus. hooks, por sua vez fala sobre a educação como prática de liberdade, a necessidade de transgredir fronteiras raciais, sexuais e de classe do ambiente educacional, além de atribuir à educação a importância e o impacto sobre os sujeitos sociais ativos e críticos, focando na transgressão e superação de barreiras. Davis, analisa o como a raça e a classe podem impactar a experiência educacional, sobretudo das mulheres negras, ressaltando a opressão que elas vivem. Davis nos traz o conceito da interseccionalidade onde discute sobre as classes sociais como fator influenciador no acesso à educação para as mulheres negras.

4.2. Desajustamento estrutural e segregação urbana: o espaço como mecanismo de racismo

“31 de maio de 1958 - [...] Cheguei na favela: eu não acho jeito de dizer cheguei em casa. Casa é casa. Barracão é barracão.” (Jesus, 2021, p.50). Carolina Maria de Jesus não encontra uma maneira de se referir ao local que reside, sem contextualizar sua precariedade. Neste trecho, observamos a falta de reconhecimento e de pertencimento dela como moradora

daquele lugar. Em relação à casa, Palma (2017, p.23) contribui muito para a imagem cartográfica de casa, Palma (2017) através dos estudos de Bachelard (1978), nos fala que as casas imaginadas são compreendidas como a intersecção entre o sonhado e o vivido, a sua cartografia aponta não exatamente para uma esquematização fixa das representações das moradias na literatura de Carolina Maria de Jesus, mas para os movimentos de construção de sentidos afetivos para a espacialidade feminina na obra da autora. Gaston Bachelard (1978, p.199) desenha a casa como uma força imaginativa capaz de produzir um corpo de imagens que dá forma, de modo articulado ou em representações dispersas, às nossas memórias. Nos momentos em que está descanso, Carolina de Jesus sonha com o lugar em que queria residir

12 de Junho de 1958 - (...) Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. (...) E preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela. (Jesus, 2021, p.59)

No dia 31 de maio de 1958, uma mulher que também reside na Favela do Canindé, em diálogo com Carolina Maria de Jesus, compara a lama do local com um chiqueiro.

...Perguntei a uma senhora que vi pela primeira vez: —A senhora está morando aqui? —Estou. Mas faz de conta que não estou, porque eu tenho muito nojo daqui. Isto aqui é lugar para os porcos. Mas se puzessem os porcos aqui, haviam de protestar e fazer greve. Eu sempre ouvi falar na favela, mas não pensava que era um lugar tão asqueroso assim. Só mesmo Deus para ter dó de nós. (Jesus, 2021, p.50)

Mello (2011, p.10) nos convida a refletir sobre a formação da identidade do lugar onde, segundo o autor, a relação entre a pessoa e toda a aura que a envolve é essencial. Experiências, símbolos, significados e permanências, contribuem para a forjar sentido no lugar. O que nos faz pensar que Carolina Maria de Jesus e a senhora com quem dialoga não se sentem pertencentes ao lugar que residem, devido às inúmeras desigualdades das quais elas vivenciam, não permitindo ter a sensação de bem estar e apego ao lugar.

Tal fato nos faz recordar sobre o que Frantz Fanon (1968, p. 29) fala sobre essa diferenciação entre uma zona privilegiada e outra não privilegiada. A zona privilegiada é a cidade do colono, enquanto a zona desprivilegiada é representada pelas cidades dos colonizados. Enquanto a cidade do colono é iluminada, asfaltada, tornando-se uma cidade sólida, coberta de pedra e ferro, a cidade do colonizado por sua vez, é um lugar mal afamado, onde as pessoas morrem não se sabem onde e o porquê. O autor ainda complementa que a cidade do colono é uma cidade de brancos e estrangeiros, enquanto a cidade do colonizado é

uma cidade de negros e indígenas.

Na cidade "luminosa", moderna, hoje, a "naturalidade" do objeto técnico cria uma mecânica rotineira, um sistema de gestos sem surpresa. Essa historicização da metafísica crava no organismo urbano áreas constituídas ao sabor da modernidade e que se justapõem, superpõem e contrapõem ao uso da cidade onde vivem os pobres, nas zonas urbanas "opacas". Estas são os espaços do aproximativo e da criatividade, opostos às zonas luminosas, espaços da exatidão. (Santos, 2006, p. 221)

Partindo do ponto de vista de Fanon (1968) e Santos (2006), percebemos que o preconceito entre os espaços da cidade são marcados inúmeras vezes por diversos fatores, ou seja, além dos sociais e os econômicos, também surgem os culturais:

06 de julho de 1958 - ...É 5 e meia. O frei Luiz está chegando para passar o cinema aqui na favela. Já puzeram a tela e os favelados estão presentes As pessoas de alvenaria que residem perto da favela diz que não sabe como é que as pessoas de cultura dá atenção ao povo da favela. (Jesus, 2021, p.78)

A vivência de quem está no Quarto de despejo, nos remete a uma reflexão sobre a exaustão, o cansaço e a invisibilidade. Os moradores em si já estão fartos de tanta pobreza e desigualdade permanente por ali.

11 de Dezembro de 1958 ...Comecei queixar para a Dona Maria das Coelhas que o que eu ganho não dá para tratar os meus filhos. Eles não tem roupas nem o que calçar. E eu não paro um minuto. Cato tudo que se pode vender e a miséria continua firme ao meu lado. Ela disse-me que já está com nojo da vida. Ouvi seus lamentos em silêncio. E disse-lhe: — Nós já estamos predestinados a morrer de fome! (Jesus, 2021, p.132)

Em momentos simbólicos, como véspera do natal, surge na Favela do Canindé um taxista que levava um passageiro ao local. Ao perceber o movimento do carro no local, os moradores o confundem com algum carro que estaria levando doação de comida para eles, tal fato, é explicado pelas ajudas em datas simbólicas que o Centro Espírita¹⁴ fazia, segundo Carolina Maria de Jesus. Eis que surge um homem e os compara com seres de outro mundo, tornando perceptível sua discriminação e preconceito, diante dos que sentem fome.

24 de Dezembro de 1958 - (...) Passou um senhor, parou e nos olhou. E disse perceptível: —Será que este povo é deste mundo? Eu achei graça e respondi: —Nós somos feios e mal vestidos, mas somos deste mundo. Passei o olhar naquele povo para ver se apresentava aspecto humano ou aspecto de fantasma. O homem seguiu sorrindo. E eu fiquei analisando. (Jesus, 2021, p.135)

¹⁴ O Centro Espírita Divino Mestre realizava, em datas simbólicas, doações de caridades à população residente da Favela do Canindé, doando alimentos, cobertores e roupas.

De acordo com Cosgrove (1998, 220), “o local é um lugar simbólico, onde muitas culturas se encontram e, talvez, entrem em conflito.” . Para além do preconceito e as desigualdades, existem também outros fatores no local, tais como as agressões físicas, violências domésticas e também denúncias de abuso sexual. O fato de registrar tudo em seu diário, colocou Carolina Maria de Jesus como inimiga de muitos que moravam ali, tornando ela e os filhos vítimas de constantes perseguições e ameaças.

Sobre esses fatos, Oliveira (2020) destaca:

A objetividade em sua fala, realmente magoou os moradores da favela até a elite, pois não poupou ninguém. Sua arma era a escrita e o seu discurso, tão empoderado e forte, não era, na maioria das vezes, aceito de forma tolerável. Apesar de tantas adversidades, ela possuía uma feminilidade afluída e sabia conquistar seu pretendente. As mulheres da comunidade a invejavam e a desprezavam, a ponto de cometerem violência e denúncias falsas sobre Carolina e seus filhos, era temeroso viver em um lugar no qual não havia perspectivas de sair. (Oliveira, 2020, p. 31)

Oliveira (2020) também salienta o discurso repleto de interpretações que Carolina Maria de Jesus fez durante sua trajetória de vida, construindo sua subjetividade e ideologia em uma realidade dura e sem possibilidade de se retirar daquele ambiente pelo qual ela tinha asco.

Para entendermos melhor sobre as constantes comparações entre a favela e o centro da cidade de São Paulo, feitas por Carolina Maria de Jesus, precisamos partir da definição de paisagem segundo Santos (1988, p. 21), onde ele nos fala que “Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc.” . A definição de paisagem segundo Santos (1988), é importante para entender as críticas sobre a Favela do Canindé, de acordo com as anotações de Carolina Maria de Jesus.

07 de Julho de 1958 - Quando eu vou na cidade tenho a impressão que estou no paraíso. Acho sublime ver aquelas mulheres e crianças tão bem vestidas. Tão diferentes da favela. As casas com seus vasos de flores e cores variadas. Aquelas paisagens há de encantar os olhos dos visitantes de São Paulo, que ignoram que a cidade mais afamada da América do Sul está enferma. Com as suas úlceras. As favelas. (Jesus, 2021, p.80)

Segundo Abreu (1998, p. 86), “a cidade é uma das aderências que ligam indivíduos, famílias e grupos sociais entre si. Uma dessas resistências que não permitem que suas memórias fiquem perdidas no tempo, que lhes dão ancoragem no espaço.” Através da definição de Abreu, percebemos que Carolina Maria de Jesus vê na cidade uma segregação

entre os espaços urbanos em São Paulo. Para iniciarmos o debate sobre o crescimento urbano e industrial da cidade de São Paulo, é importante destacar a noção de zonas de desenvolvimento através do estudo de Andrade (1967, p. 73), que via as zonas de desenvolvimento como a concentração geográfica de indústrias como complementação, onde segundo o autor, a presença de determinadas indústrias em um local favorável provoca a formação de uma infraestrutura e outras indústrias que atraem outras complementares. A aglomeração de indústria eleva a renda *per capita* e funciona como um elemento de atração de imigrantes que vêm tanto trabalhar nas indústrias como atender aos que nela trabalham. Segundo Andrade (1967), as zonas de desenvolvimento têm grande influência sobre o país em que se situam, como resultados de processos históricos e sociais complexos, marcados pelas interações entre diferentes paisagens, relações de poder e economias.

Santos (1993) fala sobre a urbanização concentrada e metropolização voltado à cidade de São Paulo, pois segundo o mesmo, a metropolização foi caracterizada pelas urbanizações concentradas e aglomeradas. Enquanto a urbanização aglomerada é caracterizada pelo aumento do número da população respectiva, a urbanização concentrada é composta pela multiplicação das cidades de tamanho intermédio, para alcançar, depois, o estágio da metropolização, com o aumento considerável do número de cidades milionárias e de grandes cidades médias (em torno do meio milhão de habitantes).

30 de maio de 1958 - [...] Troquei a Vera e saímos. Ia pensando: será que Deus vai ter pena de mim? Será que eu arranjo dinheiro hoje? Será que Deus sabe que existe as favelas e que os favelados passam fome?

...O José Carlos chegou com uma sacola de biscoitos que catou no lixo. Quando eu vejo eles comendo as coisas do lixo penso: E se tiver veneno? É que as crianças não suporta a fome. Os biscoitos estavam gostosos. Eu comi pensando naquele provérbio: quem entra na dança deve dançar. E como eu também tenho fome, devo comer. Chegaram novas pessoas para a favela. Estão esfarrapadas, andar curvado e os olhos fitos no solo como se pensasse na sua desdita por residir num lugar sem atração. Um lugar que não se pode plantar uma flor para aspirar o seu perfume, para ouvir o zumbido das abelhas ou o colibri acariciando-a com seu frágil biquinho. O unico perfume que exala na favela é a lama podre, os excrementos e a pinga. (Jesus, 2021, p.49)

Carolina Maria de Jesus menciona o fato das crianças famintas frente à fome, tal situação é decorrente, pois a Favela do Canindé tornou-se naquela época despejo de inúmeros produtos estragados, vindos de caminhões de fábricas ou até mesmo de açougues.

A comparação entre a favela e a sala de visitas é constante, destacando assim uma desigualdade escancarada do espaço urbano em diferentes áreas, o que nos convida a refletir sobre o estudo de Sodré (2018) no que se refere às circunstâncias históricas e aos aspectos

específicos do racismo nacional, ocasionando uma relação traumática com corpos em confronto, decorrentes da segregação racial como um fato civilizatório. A relação social do indivíduo atravessada pelo imaginário de raça, ancorado em diferenças de gradação de cor da pele, transforma-se em uma discriminação racial que pode receber tanto o apoio comunitário neste caso o político, quanto o apoio de uma bolha perceptiva, como no caso dos moradores da alvenaria no entorno da Favela do Canindé.

29 de maio de 1958 - (...) Percebi que chegaram novas pessoas para a favela. Estão maltrapilhas e as faces desnutridas. Improvisaram um barracão. Condoíme de ver tantas agruras reservadas aos proletários. Fitei a nova companheira de infortúnio. Ela olhava a favela, suas lamas e suas crianças paupérrimas. Foi o olhar mais triste que eu já presenciei. Talvez ela não mais tem ilusão. Entregou sua vida aos cuidados da vida. ...Há de existir alguém que lendo o que eu escrevo dirá... isto é mentira! Mas, as misérias são reais. ...O que eu revoltado é contra a ganancia dos homens que espremem uns aos outros como se espremisse uma laranja. (Jesus, 2021, p.48-49)

Tremba (2020) fala sobre a periferização e exclusão das camadas sociais, tornando a favela então um lugar sem atração, causando um certo estranhamento em quem acaba de se mudar por lá. Em algumas citações que Carolina Maria de Jesus fez de 1958, já rondava pela Favela do Canindé o boato de despejo, dessa vez despejo no sentido de retirá-los do local da Favela do Canindé

26 de Junho de 1958 - [...] Ouvi uns buatos que os fiscaes vieram requerer que os favelados desocupem o terreno do Estado onde eles fizeram barracões sem ordem. Varias pessoas que tinham barracões aqui na favela transferiram para o terreno do Estado, porque lá quando chove não há lama. Eles disseram que vão construir parque infantil. O que eu acho esquisito é que o terreno tiniu alvenaria. E foi desapropriado. E agora o Zé Povinho está construindo barraco. (Jesus, 2021, p.71)

02 de Novembro de 1958 - (...) Conversei com um senhor. Disse-lhe que circula um boato que a favela vai acabar porque vão fazer avenida. Ele disse que não é pra já. Que a Prefeitura está sem dinheiro. (Jesus, 2021, p.122)

Como o problema da exclusão e da precarização da moradia apenas se prolonga e nunca se resolve? Tremba (2020) fala que a exclusão social e exclusão espacial torna o espaço geográfico como produto histórico, econômico e social. Uma possível solução para esse problema seria o planejamento urbano como potencial meio de melhoria social.

No que diz respeito ao espaço do negro na sociedade, podemos observar na citação abaixo sobre a segregação de mundos entre brancos e negros, segundo Carolina Maria de Jesus

20 de Setembro de 1958 - ...Fui no empório, levei 44 cruzeiros. Comprei um quilo de açúcar, um de feijão e dois ovos. Sobrou dois cruzeiros. Uma senhora que fez compra gastou 43 cruzeiros.

E o senhor Eduardo disse: —Nos gastos quase que vocês empataram.

Eu disse: —Ela é branca. Tem direito de gastar mais.

Ela disse-me: —A cor não influi. Então começamos a falar sobre o preconceito.

Ela disse-me que nos Estados Unidos eles não querem negros nas escolas. Fico pensando: os norte-americanos são considerados os mais civilizados do mundo e ainda não convenceram que preterir o preto é o mesmo que preterir o sol. O homem não pode lutar com os produtos da Natureza. Deus criou todas as raças na mesma época. Se criasse os negros depois dos brancos, aí os brancos podia revoltar-se. (Jesus, 2021, p.113-114)

Para nos ajudar a refletir mais sobre a segregação e o espaço do negro na sociedade, utilizaremos a perspectiva de espaço e lugar, Callai (2004) nos diz que:

[...] lugar é um espaço construído como resultado da vida das pessoas, dos grupos que nele vivem, das formas como trabalham, como produzem, como se alimentam e como fazem/usufruem do lazer. É portanto cheio de história, de marcas que trazem em si um pouco de cada um. É a vida de determinados grupos sociais, ocupando um certo espaço num tempo singularizado. Considerando que é no cotidiano da própria vivência que as coisas vão acontecendo, vai se configurando o espaço, e dando feição ao lugar. Um lugar que é um espaço vivido, de experiências sempre renovadas, o que permite que se considere o passado e se vislumbre o futuro. A compreensão disto necessariamente resgata os sentimentos de identidade e de pertencimento. (Callai, 2004, p.2)

A definição de Callai (2004) complementa com as reflexões de Santos (2011) sobre o lugar e o valor do indivíduo, onde segundo ele, “o espaço impõe a cada coisa um determinado feixe de relações, porque cada coisa ocupa um lugar dado”. (2011, p.161). Ou seja, o indivíduo vale pelo lugar onde está e, segundo Santos (2011), o seu valor como cidadão depende de sua localização no território, podendo ser melhor ou pior, em função das diferenças de acessibilidade ou independentes de sua própria condição. Nogueira (1998) traz o importante debate sobre a construção do indivíduo no mundo social:

Se o negro, de um lado, é herdeiro desse passado histórico que se presentifica na memória social e que se atualiza no preconceito racial, vive, por outro lado, numa sociedade cujas auto-representações denegam esse mesmo racismo, camuflando, assim, um problema social que produz efeitos sobre o negro, afetando sua própria possibilidade de se constituir como indivíduo no social; assim, não se discute o racismo que, na condição de um fantasma, ronda a existência dos negros. (Nogueira, 1998, p. 33-34)

Nogueira (1998) contribui para que possamos pensar sobre os efeitos do racismo estrutural e a segregação urbana sobre Carolina Maria de Jesus e seus filhos na cidade de São Paulo. Segundo Santos (2011), o espaço não é uma estrutura de aceitação, de enquadramento

ou coisa que o valha, mas uma estrutura social como as outras. Por isso, alguns espaços favorecem às desigualdades, conforme os diferentes pontos que os espaços se localizam. Isso contribui para a diferenciação de valor dos indivíduos, se justificando pelo lugar em que se localizam, contribuindo para o aumento da pobreza e tornando o espaço desigual.

Para além da questão racial, Santos (2011, p.178-179), reflete que o modelo econômico que justifica uma enorme desigualdade e pobreza sobre uma imensa parcela da população, o desemprego e as migrações maciças em áreas urbanizadas concentradas, pode gerar metrópoles insanas. E, para concluir, aponta que sustentamos tudo isso em larga proporção, justamente devido ao modelo de cidadania que adotamos, ou seja, o hábito de tudo pensar em termos econômicos impede que o jogo de outras causas seja levado em conta.

14 de Agosto de 1958 - Subi no elevador, eu e a Vera. Mas eu estava com tanto medo, que os minutos que permaneci dentro do elevador pareceu-me séculos. Quando cheguei no quarto andar respirei aliviada. Tinha a impressão que estava saindo de um tumulto. Toquei a campainha. Surgiu a dona da casa e a criada. Ela deu-me um saco de papéis. Os dois filhos dela conduziu-me no elevador. O elevador em vez de descer, subiu mais dois andares. Mas eu estava acompanhada, não tive receio. Fiquei pensando: a gente fala que não tem medo de nada, as vezes tem medo de algo inofensivo. No sexto andar o senhor que penetrou no elevador olhou-me com repugnância. Já estou familiarizada com estes olhares. Não entristeço. Quiz saber o que eu estava fazendo no elevador. Expliqueis-lhe que a mãe dos meninos havia dado-me uns jornaes. Era este o motivo da minha presença no elevador. Perguntei-lhe se era medico ou deputado. Disse-me que era senador. (Jesus, 2021, p.103)

A questão racial diante dos espaços, invade o cotidiano de Carolina Maria de Jesus, querendo fazê-la se sentir inferiorizada. Carolina Maria de Jesus por sua vez não se intimida e segue adiante de cabeça erguida. Essa situação se deve ao fato de que

A rede urbana, o sistema de cidades, também tem significados diversos segundo a posição financeira do indivíduo. Há, num extremo, os que podem utilizar todos os recursos aí presentes, seja porque são atingidos pelos fluxos em que, tornado mercadoria o trabalho dos outros se transforma, seja porque eles próprios tornados fluxos, podem sair à busca daqueles bens e serviços que desejam e podem adquirir. Na outra extremidade, há os que nem podem levar ao mercado o que produzem, que desconhecem o destino que vai ter o resultado do seu próprio trabalho os que pobres de recursos, são prisioneiros do lugar, isto é, dos preços e das carências locais. Para estes, a rede urbana é uma realidade onírica, pertence ao domínio do sonho insatisfeito, embora também seja uma realidade objetiva. (Santos, 2011, p. 191-192)

No que diz respeito à Favela do Canindé, Carolina Maria de Jesus fez seu próprio barracão sozinha, sem ajuda de ninguém, e seu endereço era na Rua A, número 9. Carolina Maria de Jesus nos conta como era feito o sistema de aluguel dos barracões

29 de Junho de 1958 - (...) A dona Rosa que aluga barracões aqui na favela é arranca couro. Veio dizer o senhor Francisco para arranjar-lhe quatro mil cruzeiros, que ela está com as lições dos terrenos. — E esse dinheiro que já dei não pode ser incluído na venda do barraco? — Não. Não pode. Esse dinheiro fica para pagar o aluguel. Foi a resposta de dona Rosa ao senhor Francisco. Pobre senhor Francisco. Ele está doente na Caixa de Aposentadoria e paga 700,00 por mês de aluguel e 100,00 de luz. (Jesus, 2021, p.73)

O aluguel caro, citado por Carolina Maria de Jesus, é por vezes motivo da desigualdade no lugar, visto que os moradores que residem ali, não possuem condições adequadas para manter uma estrutura para quitar o aluguel do mês e ao mesmo tempo comprar alimentos ou remédios. O desajustamento estrutural e urbano, envolvem as questões de saneamento básico, como nos relatos de Carolina Maria de Jesus¹⁵ sobre uma possível poluição na torneira que abastecia toda Favela do Canindé, a prefeitura de São Paulo não fazia ações de conscientização, deixando os moradores utilizando e se contaminando com a água poluída. Outras questões como falta de assistência médica e bucal são citadas por Carolina Maria de Jesus, onde a mesma critica o serviço social por sua falta de amparo aos moradores dali. Mortalidade infantil, abortos espontâneos, e até mesmo um acesso ao sistema de saúde mais popular aos moradores, são questionados por Carolina Maria de Jesus. Questões como segurança pública também são constantemente questionadas, como por exemplo as violências e agressões físicas do qual seus filhos ficam expostos enquanto ela está trabalhando.

Portanto, a precarização das moradias, questões de segurança, saúde e urbanização, giram em torno da falta de políticas públicas que deveriam acompanhar a urbanização e industrialização paulista, o que nos faz refletir sobre a visão de Carolina Maria de Jesus diante disso “23 de Junho de 1958 - Enfim, o mundo é como o branco quer. Eu não sou branca, não tenho nada com estas desorganizações.” (Jesus, 2021, p.69).

González e Hasenbalg (1982, p.89) nos falam que do ponto de vista teórico, a perspectiva das relações raciais no pós-abolição, são vistas como uma área residual de fenômenos sociais, o que pode resultar em formas arcaicas nas relações intergrupais formadas no passado escravista. González e Hasenbalg (1982) sugerem que preconceito e discriminação racial não se mantem intactos após a abolição, adquirindo novas funções e significados dentro da estrutura social.

González e Hasenbalg (1982, p.89), afirmam que as práticas racistas do grupo dominante, longe de serem meras sobrevivências do passado, estão relacionadas aos benefícios materiais e simbólicos que os brancos obtém da desqualificação competitiva do

¹⁵ Nos dias 09/06/1958, 19/06/1958, 25/06/1958 e 26/07/1958, Carolina Maria de Jesus nos traz relatos de uma virose que surgiu no sistema que fornecia água de forma irregular para os moradores da Favela do Canindé. A prefeitura não fazia ações diretas de combate à contaminação, o que ocasionou em uma epidemia local de virose.

grupo negro. Deste modo, segundo os autores, não existe nenhuma lógica inerente ao desenvolvimento capitalista que leve a uma incompatibilidade entre racismo e industrialização.

González e Hasenbalg (p.89-90) atribuem à raça como atributo social e histórico justificador das hierarquias sociais, sendo a raça neste caso, usada para reprodução das classes sociais, distribuindo os indivíduos em suas estruturas posicionais e dimensões distributivas da estratificação social.

4.3. Pobreza, Fome e Racismo

“3 de maio de 1958 - Fui na feira da Rua Carlos de Campos, catar qualquer coisa. Ganhei bastante verdura. Mas ficou sem efeito, porque eu não tenho gordura. Os meninos estão nervosos por não ter o que comer.” (Jesus, 2021, p.34). Nesse trecho, Carolina Maria de Jesus dialoga entre a fome e a miséria. Por mais que a fome venha e ela consiga algo para comer junto com os filhos, a miséria à desperta que sua condição social de extrema pobreza, não lhe permite ter uma refeição digna. Carneiro (2005) nos conduz a refletir que o racismo estrutural torna-se um dispositivo de poder que sustenta socialmente a desigualdade racial, legitimando e naturalizando a pobreza e exclusão de pessoas negras de direitos de cidadania. Carolina Maria de Jesus não tinha sequer uma base para poder preparar o almoço. Abaixo segue uma crítica de Carolina Maria de Jesus sobre o custo de vida:

17 de maio de 1958 - Levantei nervosa. Com vontade de morrer. Já que os pobres estão mal colocados, para que viver? Será que os pobres de outro País sofrem igual aos pobres do Brasil? Eu estava discontente que até cheguei a brigar com meu filho José Carlos sem motivo.

...Chegou um caminhão aqui na favela. O motorista e o seu ajudante jogam umas latas. É linguiça enlatada. Penso: é assim que fazem esses comerciantes insaciáveis. Ficam esperando os preços subir na ganancia de ganhar mais. E quando apodrece jogam fora para os corvos e os infelizes favelados.

Não houve briga. Eu até estou achando isto aqui monótono. Vejo as crianças abrir as latas de linguiça e exclamar satisfeitas:

– Hum! Tá gostosa!

A dona Alice deu-me uma para experimentar. Mas a lata está estufada. Já está podre. (Jesus, 2021, p. 37-38)

As críticas vão além da visão de Carolina Maria de Jesus sobre o custo de vida, pois se estendem ao racismo. Qual a cor da pele da população marginalizada? Negra. Já dizia Elza Soares na canção A carne (2002) “a carne mais barata do mercado é a carne negra”.

Conforme vimos anteriormente, a Favela do Canindé, situada em São Paulo, tornou-se então um local de despejo, tanto de pessoas que a sociedade racista não queria ter por perto, como de alimentos.

25 de Dezembro de 1958 - ...O João entrou dizendo que estava com dor de barriga. Percebi que foi por ele ter comido melancia deturpada. Hoje jogaram um caminhão de melancia perto do rio. Não sei porque é que estes comerciantes inconscientes vem jogar seus produtos deteriorados aqui perto da favela, para as crianças ver e comer. ...Na minha opinião os atacadistas de São Paulo estão se divertindo com o povo igual os Cesar quando torturava os cristãos. Só que o Cesar da atualidade supera o Cesar do passado. Os outros era perseguido pela fé. E nós, pela fome! Naquela epoca, os que não queriam morrer deixavam de amar a Cristo. Mas nós não podemos deixar de comer. (Jesus, 2021, p.136)

A qualidade dos alimentos que já chegam no local de despejo, ou seja a Favela do Canindé, chegam podres e estufados, mostrando que já não são comestíveis, porém quem tem fome tem pressa, os moradores ali perdem a noção de dignidade ao se sujeitarem a situação que lhes foram impostas. Quem tem fome além de ter pressa, também perde a capacidade de rejeitar o resto, o que está estragado, estufado e que chega ao “Quarto de despejo” podre, ou seja, a sala de visitas de São Paulo, simbolizava o centro da cidade enquanto o Quarto de Despejo a Favela do Canindé.

“19 de maio de 1958 - [...] ...Deixei de meditar quando ouvi a voz do padeiro: — Olha o pão doce, que está na hora do café! Mal sabe ele que na favela é a minoria quem toma café. Os favelados comem quando arranjam o que comer.” (Jesus, 2021, p.39). Para Carolina Maria de Jesus, são raros os momentos de uma refeição, quem dirá ter o privilégio de tomar café da manhã. A situação constante de miséria, faz a família de Carolina Maria de Jesus ficar à mercê exclusivamente da fome. Não se tem espaço para descanso. Não se pode sonhar. Não é permitido ao favelado uma tranquilidade na mente. Diante disso, supomos que quem tem fome tem pressa, porque o amanhã é um dia demorado. Um dia que pode castigar. Um dia sem expectativa. Não há motivo para ter expectativa. O amanhã sempre será questionado, se vale a pena esperá-lo ou se vale a pena desistir dele. Isso é o objetivo do racismo estrutural, desestabilizar o ser que ele inferioriza. O que nos faz concordar com Carneiro (2005) sobre as estruturas de exclusão social e racial, mostrando então como a pobreza no Brasil é racializada. Segundo Carneiro, essa realidade perpetua.

Sobre a cor da fome, Carolina Maria de Jesus a caracteriza como amarela. Se a fome é amarela, Carolina Maria de Jesus por vezes a reconheceu e a vivenciou para saber caracterizá-la. A tontura da fome, chega a ser comparada com a do álcool, onde segundo a escritora:

27 de Maio de 1958 - A tontura da fome é pior do que a do álcool. A tontura do álcool nos impele a cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é horrível ter só ar dentro do estômago. Comecei a sentir a boca amarga. Pensei: já não basta as amarguras da vida? [...]. Pensei em guardar para comprar feijão. Mas vi que não podia porque o meu estômago reclamava e torturava-me. Resolvi tomar uma média e comprar um pão. Que efeito surpreendente faz a comida no nosso organismo! Eu que antes de comer via o céu, as árvores, as aves, tudo amarelo, depois que comi, tudo normalizou-se aos meus olhos. A comida no estômago é como combustível nas máquinas. Passei a trabalhar mais depressa. Meu corpo deixou de pesar. [...] Eu tinha a impressão que eu deslizava no espaço. Comecei a sorrir como se eu estivesse presenciando um lindo espetáculo. E haverá espetáculo mais lindo do que ter o que comer? Parece que eu estava comendo pela primeira vez na minha vida. (Jesus, 2021, p. 47)

Se a tontura da fome faz ter uma visão distorcida e conturbada da realidade, a cor da fome caracteriza esse conjunto de cansaço, esgotamento e desumanização em Carolina Maria de Jesus. Carolina Maria de Jesus caracterizou a fome com a cor amarela, devido ao efeito da fome no corpo humano. Esse relato de quem viu o amarelo da fome expõe, mais uma vez, que quando se chega ao limite total da fome, a visão de Carolina Maria de Jesus fica amarela, fazendo ela ter uma cor distorcida de tudo o que vê pela frente. Por mais que a vida tivesse cores, a amarela é caracterizada como algo traumatizante para Carolina Maria de Jesus, seus filhos e demais brasileiros: a fome.

A fome retratada em ‘Quarto de Despejo’ além de ser fisiológica, uma fome real que precisa de nutrientes, também torna-se uma fome existencial. A fome existencial é um tipo de consequência do racismo estrutural projetado no Brasil. Em ‘Quarto de Despejo’ Carolina Maria de Jesus nos dá vários indícios de pensamentos suicidas. O suicídio em sua visão, poderia vir a se tornar algo que acabasse com o seu sofrimento. Mas e os filhos? Por eles, Carolina Maria de Jesus repensou a ideia e nunca felizmente a fez.

15 de Junho de 1958 - ... Fui comprar carne, pão e sabão. Parei na banca de jornaes. Li que uma senhora e três filhos havia se suicidado por encontrar dificuldade de viver. (...) A mulher que suicidou-se não tinha alma de favelado, que quando tem fome recorre ao lixo, cata verduras nas feiras, pedem esmola e assim vão vivendo. (...) Pobre mulher! Quem sabe se de há muito ela vem pensando em eliminar-se, porque as mães tem muito dó dos filhos. Mas é uma vergonha para uma nação. Uma pessoa matar-se porque passa fome. E a pior coisa para uma mãe é ouvir esta sinfonia: Mamãe eu quero pão! Mamãe, eu estou com fome! (Jesus, 2021, p. 62)

Esse trecho destaca também que, mesmo em uma condição sociourbana melhor do que a de Carolina Maria de Jesus e a família dela, a mulher que se suicidou, do ponto de vista de Carolina Maria de Jesus, não teve que se sujeitar às situações que a escritora e os filhos enfrentaram na favela, por isso o termo “alma de favelado”. Carolina Maria de Jesus chama a

atenção para algo importante nesse trecho, a invisibilidade, o cansaço e o racismo imposto às mulheres negras pobres e solos.

[...] o suicídio é quase a visualização, a performance da condição do sujeito negro em uma sociedade branca: na qual o sujeito negro é invisível. Essa invisibilidade é performada através da realização do suicídio. Uma sequência muito dolorosa, mas muito realista. (Kilomba, 2019, p. 188)

Grada Kilomba (2019, p. 189) fala dessa relação entre o suicídio e os racismo. “o suicídio pode também emergir como um ato de tornar-se sujeito. Decidir não mais viver sob as condições do senhor branco é uma performance final, na qual o sujeito negro reivindica sua subjetividade.” A fome fisiológica, por mais que seja às vezes satisfeita, nunca apaga o que a fome existencial agrava. Ela pode até trazer um alívio momentâneo, o que percebemos por vezes nas cenas do espetáculo deslumbrante¹⁶ mas não resolve os problemas de tristeza, angústia, ansiedade, tédio e dor.

O trecho a seguir, de enorme importância, nos condiciona a pensar o elemento da chuva na vida de Carolina Maria de Jesus e também sua fonte de renda, o papel:

“14 de Junho de 1958 - ..Está chovendo. Eu não posso ir catar papel. O dia que chove eu sou mendiga. Já ando mesmo trapuda e suja. Já uso o uniforme dos indigentes. E hoje é sábado. Os favelados são considerados mendigos. Vou aproveitar a deixa. A Vera não vai sair comigo porque está chovendo (...) Agitei um guarda-chuva velho que achei no lixo e saí. Fui no Frigorífico, ganhei uns ossos. Já serve. Faço uma sopa. Já que a barriga não fica vazia, tentei viver com ar. Comecei a desmaiar. Então resolvi trabalhar porque eu não quero desistir da vida. Quero ver como é que eu vou morrer. Ninguém deve alimentar a ideia de suicídio. Mas hoje em dia os que vivem até chegar a hora da morte, é um herói. Porque quem não é forte desanima. ...Vi uma senhora reclamar que ganhou só ossos no Frigorífico e que os ossos estavam limpos. - E eu que gosto tanto de carne. Fiquei nervosa ouvindo a mulher lamentar-se porque é duro a gente vir ao mundo e não poder nem comer. [...] (Jesus, 2021, p. 61)

A chuva tira de Carolina Maria de Jesus sua fonte de renda e a prende em sua casa, casa essa que também é invadida pela chuva. A chuva além de trazer barro e cheiro forte nas ruas da Favela do Canindé, priva Carolina Maria de Jesus de sair para catar papel, afinal de contas, papel e chuva não combinam. Sem fonte de renda, Carolina Maria de Jesus se vê diante de filas de ossos, para poder ter o sabor característico da carne em seu caldo. Apesar do caldo de ossos, algo que não sustenta nem ela e nem os filhos, a fome novamente bate à sua

¹⁶ O espetáculo deslumbrante é uma expressão utilizada por Carolina Maria de Jesus caracterizada pelos raros momentos em que ela prepara uma refeição completa para ela e os filhos. É acompanhado pelas crianças com alegria, danças e cantos e ao mesmo tempo exala um cheiro saboroso na cozinha de Carolina Maria de Jesus.

porta. A figura de “herói” citada por Carolina Maria de Jesus, é atribuída ao ser humano que resiste a tantas tribulações e dificuldades expostas na vida de quem é pobre e passa fome. A recompensa desse ser humano herói é sobreviver em meio às desigualdades sociais e raciais, fome, miséria e má condições de vida.

29 de Outubro de 1958 - Deixei o leito as 6 horas. Fiquei nervosa porque não dormi. Passei a noite concertando o telhado por causa das goteiras. Concertava de um lado, pingava de outro. Quando chove eu fico quase louca porque não posso ir catar papel para arranjar dinheiro. [...] Eu sinto muito frio. Costumo vestir três palitô. E tem pessoas que me vê nas ruas e diz:

— Como você engordou! Já se foi o tempo que a gente engordava. (Jesus, 2021, p.119)

05 de Janeiro de 1959 - [...] Está chovendo. Fiquei quase louca com as goteiras nas camas, porque o telhado é coberto com papelões e os papelões já apodreceram. As águas estão aumentando e invadindo os quintais dos favelados. (Jesus, 2021, p.139)

Para além das questões financeiras, a chuva também representava o medo, o cansaço e também a preocupação na vida de Carolina Maria de Jesus e os filhos. Era o símbolo da precarização em que o seu barracão se encontrava, além de também ser a representação do prejuízo no contexto que a escritora se encontrava na Favela do Canindé.

Nascimento (2021) nos fala sobre a mulher negra no mercado de trabalho, o que nos leva a pensar sobre a condição financeira de Carolina Maria de Jesus. Segundo Nascimento (2021):

A moderna sociedade brasileira apresenta um maior dinamismo no que concerne à diversificação das atividades produtivas, trazido a efeito com o processo de industrialização demarcado no período de 1930. Com a expansão industrial e do setor de serviços, a estratificação social, profundamente polarizada nos períodos anteriores, apresenta maior flexibilidade e gradação. No entanto, essa maior flexibilidade mantém muito profundamente as diferenças de papéis atribuídos aos diversos grupos da sociedade. Inúmeros fatores funcionam como causa para que se perpetuem as diferenças. Um deles, como não poderia deixar de ser numa sociedade constituída de diferentes grupos étnicos, é o fator racial. Numa sociedade como a nossa, em que a dinâmica do sistema econômico estabelece espaços na hierarquia de classes, existem alguns mecanismos para selecionar as pessoas que irão preencher esses espaços. O critério racial constitui um desses mecanismos de seleção, fazendo com que as pessoas negras sejam relegadas aos lugares mais baixos da hierarquia, através da discriminação. O efeito continuado da discriminação praticada pelo branco tem também como consequência a internalização, pelo grupo negro, dos lugares inferiores que lhes são atribuídos. Assim, os negros ocupam aqueles lugares na hierarquia social, desobrigando-se de penetrar os espaços que estão designados para os grupos de cor mais clara, dialeticamente perpetuando o processo de domínio social e privilégio racial. (Nascimento, 2021, p. 55-57)

Essa hierarquização fez com que Carolina Maria de Jesus, uma mulher negra, no contexto de São Paulo, fosse despejada na Favela do Canindé, tal fato nos lembra sobre o que

Carneiro (2005, p.286) fala sobre o não lugar do sujeito negro, através da imposição do dispositivo em demarcar onde é ou não lugar do negro. A falta de trabalho acabou negando o direito à inclusão na cidade que tanto crescia industrialmente, tornando-os reféns da desigualdade e pobreza. Ou seja, a desigualdade de valor do indivíduo, é justificada pela sua cor.

O trecho abaixo, também de 14 de junho 1958, nos dá a continuidade sobre as condições de quem sobrevive no mundo dos brancos:

14 de Junho de 1958 - [...] Pelo que observo, Deus é o rei dos sábios. Ele pois os homens e os animais no mundo. Mas os animais quem lhes alimenta é a Natureza porque se os animais fossem alimentados igual aos homens, havia de sofrer muito. Eu penso isto, porque quando eu não tenho nada para comer, invejo o animais. ...Enquanto eu esperava na fila para ganhar bolachas ia ouvindo as mulheres lamentar-se outra mulher reclamava que passou numa casa e pediu uma esmola. A dona da casa mandou esperar (...) A mulher continuou dizendo que a dona da casa surgiu com um embrulho e deu-lhe. Ela não quiz abrir o embrulho perto das colegas, com receio que elas pedissem. Começou pensar. Será um pedaço de queijo? Será carne? Quando ela chegou em casa, a primeira coisa que fez, foi desfazer o embrulho porque a curiosidade é amiga das mulheres. Quando desfez o embrulho viu que eram ratos mortos. Tem pessoas que zombam dos que pedem. [...] Mas os mendigos já estão habituados a ganhar as bolachas todos os sabados. Não ganhei bolacha e fui na feira, catar verduras. Encontrei com a dona Maria do José Bento e começamos a falar sobre o custo de vida. (Jesus, 2021, p. 61)

O contexto de sobrevivência sobre o qual Carolina Maria de Jesus fala, é composto por racismo, preconceito e discriminação racial. O sentimento de superioridade dos que zombam de quem pede, nos faz pensar sobre a que ponto a humanidade chegou, onde se coloca um rato morto envolto de um embrulho para dar a quem tem fome. A perda de dignidade de quem pede, mostra também a perda de humanidade de quem está zombando, mas mesmo diante de tamanha incredulidade com a situação de quem pede comida, a crueldade dessa dona, mostra também sua capacidade de ser racista e acima de tudo, de se achar superior a alguém devido sua condição social, racial e econômica.

O interior de Carolina Maria de Jesus é quebrado diversas vezes. A falta de políticas públicas, apoio das autoridades governamentais e políticas, apoio até mesmo do serviço social tanto criticado por Carolina Maria de Jesus, faz o pobre se tornar um ser zombado pela alta sociedade da sala de visita. Essa mesma sala de visita, que não está afim de receber visitas, procura de toda maneira despejar as pessoas em condições inadequadas de moradia e de vida.

16 de Maio de 1958 - [...] ...Eu não ia comer porque o pão era pouco. Será que é só eu que levo esta vida? O que posso esperar do futuro? Um leito em Campos do Jordão. Eu quando estou com fome quero matar o Janio, quero enforcar o Adhemar e queimar o Juscelino. As dificuldades corta o afeto do povo pelos políticos. (Jesus,

2021, p.37)

A perspectiva crítica de Carolina Maria de Jesus sobre os políticos, mostram o quanto a escritora era uma pessoa dedicada a estar informada, a saber o que acontecia ao seu redor e também a se posicionar contra às desigualdades que vivia.

03 de Agosto de 1958 - A cunhada do Coca-Cola disse-me: —Este é nosso deputado. Dr. Contrini.
Quando ela disse deputado federal pensei: é época de eleições, porisso é que eles está tão amavel.
... O senhor Contrini veio nos dizer que é candidato nas eleições. Nós da favela não somos favorecidos pelo senhor. Não te conhecemos. (Jesus, 2021, p.99)

Segundo Oliveira (2020), Carolina Maria de Jesus deixa explícito um manifesto do quanto estava insatisfeita com a política. Carolina Maria de Jesus acaba abrangendo isso para o entendimento da formação discursiva, o que segundo Oliveira (2020), temos então um sujeito que escreve suas palavras de determinado assunto, no caso temos a (política), em uma situação sócio histórica dada e, ao mesmo tempo, outras falas vivenciam esse discurso, dentro dessa posição. “No caso, essa posição ocupada pela mulher favelada em situação de mendicância nos revela, em sua identificação, o sujeito enunciator com o sujeito universal da formação discursiva.” (Oliveira, 2020, p. 33).

17 de Agosto de 1958 - ...Quando eu fui almoçar fiquei nervosa porque não tinha mistura. Comecei ficar nervosa. Vi um jornal com o retrato da deputada Conceição da Costa Neves, rasguei e puis no fogo. Nas épocas eleitoraes ela diz que luta por nós (Jesus, 2021, p.105)

O movimento de procurar informações, se atentar aos assuntos e se revoltar contra eles, mostram também a interpretação da escritora sobre os contextos de democracia, exclusões e corrupções, que impactaram de certa forma no preço dos alimentos, contribuindo na falta de comida na mesa de quem estava com fome. A “sala de visitas”, expressão utilizada por Carolina Maria de Jesus para representar o centro de São Paulo, é local de maioria dos políticos que ela critica, tornando assim sua realidade local e social cada vez mais desigual.

Para contribuir com esse debate sobre democracia e exclusão, podemos recordar um trecho de uma entrevista ao portal Gaúcha ZH com Luiza Bairros, onde questionada se existe democracia com exclusão, Luiza Bairros fala:

Nós vivemos por muito tempo com a ideia de construção de uma democracia sem levar em conta o racismo. Quem rompeu com o modelo foi o movimento negro, que defendeu a inclusão do negro no processo político ou não seria democracia alguma.

Do mesmo modo, o desenvolvimento do Brasil também não levou em conta as diferenças de inserção econômica e social entre grupos raciais. Temos visto o preço que o país paga por ter negado à sua maioria negra as oportunidades na educação, na formação profissional. Hoje se aponta uma escassez de profissionais no mercado que poderiam alavancar o desenvolvimento. Não se pode desvincular a escassez de hoje à exclusão imposta na nossa história. (Bairros, entrevista, 2015)¹⁷

A afirmação de Luiza Bairros complementa muito com os estudos de Djamila Ribeiro em seu livro *Pequeno Manual Antirracista* (2019):

Se a população negra é a maioria no país, quase 56%, o que torna o Brasil a maior nação negra fora da África, a ausência de pessoas negras em espaços de poder deveria ser algo chocante. Portanto, uma pessoa branca deve pensar seu lugar de modo que entenda os privilégios que acompanham a sua cor. Isso é importante para que privilégios não sejam naturalizados ou considerados apenas esforço próprio. Perceber-se é algo transformador (...). (Ribeiro, 2019, p.31-32)

Ribeiro (2019) nos afirma que devemos ter reconhecimento dos privilégios da branquitude, diante da população negra, que é maioria do país. Carolina Maria de Jesus, de certo modo, tinha sempre em mente a noção da falta de representatividade pela questão da fome, onde sempre afirmava que o país teria que ser governado por alguém que já passou fome, para então a população carente ser ouvida e reconhecida como existente nesse sistema de desigualdade, que privilegia o espaço urbano das classes privilegiadas e não reconhece os desprivilegiados.

Até que ponto a civilização pertence aos brancos? Como diria Joel Rufino dos Santos:

O racismo está depositado no mais fundo da cabeça dos homens - assim como certas sementes que resistem às mais violentas mudanças de temperatura e, subitamente, voltam a brotar. Há nele uma dose de irracionalismo que nenhum sistema social, até hoje, foi capaz de liquidar. (Santos, 1980, p.35)

As contribuições de Santos (1980), nos faz concordar com Ramos (2023) sobre as formas como o negro é marginalizado na sociedade, principalmente através de mecanismos sociais, educacionais e econômicos, por meio do racismo.

Cunha e Gomes (2007) nos detalha que a liberdade para a população negra pode até ter vindo no papel, porém na prática muita coisa continuou injusta na sociedade, pois as pessoas negras não tinham direitos, eram maltratadas e continuavam a viver na pobreza, pois eram desamparadas pelo Estado e mantidas sobre exploração e controle da sociedade racista.

¹⁷ Disponível em:

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2015/01/havia-quem-me-indicasse-o-elevador-de-servico-lembrax-ministra-negra-de-epoca-em-que-viveu-no-rs-4682898.html>

Acesso em 28 jun. 2025.

O filósofo e poeta quilombola Antônio Bispo dos Santos (2023, p. 47) nos afirma que “o Estado é um ambiente colonialista. Um ambiente colonialista e abstrato.”. Essa afirmação, nos dá um entendimento sobre a dominação feita pelo Estado em sua estrutura e funcionamento, reproduzindo um modo de exploração do colonialismo, que por mais que seja de forma abstrata, não necessariamente ligada a um território específico, afetando assim a população negra e demais minorizadas.

Por fim, Bernardes (1986, p.83-84) fala sobre a importância do papel do Estado no combate às desigualdades que, segundo ela, independente de uma definição formal de política urbana ou da criação de instrumentos específicos para intervir no processo da urbanização, a ação do poder público, por se realizar necessariamente sobre uma porção do território, contribui, de modo decisivo, para alterar a estruturação do espaço e tem implicações espaciais que podem ser extensivas ou pontuais: e elas próprias, por sua vez, geram modificações da estrutura espacial, tanto em escala regional como nacional.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho analisou como a obra “Quarto de Despejo”, de Carolina Maria de Jesus, nos possibilita compreender o racismo, a pobreza e a segregação urbana no contexto do pós-abolição no Brasil. Considerou-se, portanto, o racismo de acordo com Almeida (2019), Gomes (2012b) e Carneiro (2005) na sociedade brasileira, das décadas de 1950 e 1960, que buscou segregar a população negra de direitos período de composição do diário de Carolina Maria de Jesus que, mais tarde, se tornou o famoso e necessário livro “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”.

A população negra, de fato, foi excluída do projeto de urbanização brasileiro, em especial à cidade de São Paulo. A desigualdade social e a pobreza foram se transformando em realidade entre as famílias negras, ocasionando em um modelo desigual diante das famílias brancas, especificamente às da elite brasileira.

Fica evidente que na obra “Quarto de despejo” o cotidiano de Carolina Maria de Jesus denuncia as diferenças de tratamento, o racismo e o preconceito racial, as desigualdades de raça e gênero vividas por Carolina Maria de Jesus, juntamente com seus três filhos, João José, José Carlos e Vera Eunice, naquele período. O diário começa com o triste trecho de 1955, particularmente sobre de Carolina Maria de Jesus descrevendo o fato de decidir entre comprar um par de sapatos para filha, no dia do seu aniversário, ou tentar comprar um pouco de comida para os filhos. Neste dia que deveria ser comemorativo, Carolina Maria de Jesus luta para mantê-los como sobreviventes, diante de tamanha pobreza em que se encontravam. À medida que o diário foi construído, tornou-se um testemunho do que a população negra paulista era exposta à época, de acordo com Tremba (2020), Oliveira (2020) e Moreno (2022).

É de suma importância reconhecer os impactos educacionais na vida da escritora, possibilitando a mesma de se tornar uma pessoa crítica e reflexiva, mediante as injustiças que viveu. Sendo assim, encorajou-se e denunciou em forma de escrita, todo o racismo que sofreu.

Destacamos a braveza, coragem e inteligência de Carolina Maria de Jesus, que se manteve firme e disposta à lutar contra toda opressão que vivia. Destacamos, ainda, sua autonomia, mediante uma sociedade opressora, o que nos faz concordar com Freire (1968; 1996) sobre a importância do diálogo, da conscientização e também sobre ação transformadora da educação, neste caso, especificamente de Carolina Maria de Jesus. Os capitais cultural, social e simbólico, que Bourdieu (1998) nos fala, fizeram parte do cotidiano de Carolina Maria de Jesus, onde a escritora sempre focava no desenvolvimento de sua autonomia mediante uma sociedade opressora, buscando ter como base uma relação dialógica

e crítica na prática educativa em seu dia à dia, incentivando os filhos sempre a estudarem e destacando constantemente os impactos da educação em sua vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ABREU, Maurício de Almeida. **Sobre a memória das cidades**. Revista da Faculdade de Letras — Geografia I série, Vol. XIV, Porto, 1998, pp. 77-97.
- ALMEIDA, Silvio de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.
- AMADO, Jorge. **Gabriela, Cravo e Canela**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1958.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **Espaço, polarização e desenvolvimento: a teoria dos pólos de desenvolvimento e a realidade nordestina**. Recife: Centro Regional de Administração Municipal, 1967.
- AURELI, Willy. **Carolina Maria, poetiza preta**. Folha da Manhã, São Paulo, 25 fevereiro 1940.
- AZEREDO, Edson Guimaraes de. **As muitas vidas e identidades de Carolina Maria de Jesus: o uso do biográfico e do autobiográfico no ensino das relações étnico raciais**. 2018. 110 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTORIA)) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2018.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo, Abril Cultural, 1978, pp.181-354. (Coleção Os Pensadores). [Tradução de Antônio da Costa Leal e Lúcia do Valle Santos Leal].
- BAIROS, Luiza. **Havia quem me indicasse o elevador de serviço, lembra ex-ministra negra de época em que viveu no RS** – Entrevista concedida a Jones Lopes da Silva, Zero Hora, 17 jan. 2015. Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2015/01/havia-quem-me-indicasse-o-elevador-de-servico-lembra-ex-ministra-negra-de-epoca-em-que-viveu-no-rs-4682898.html>. Acesso em: 28 jun. 2025.
- BENTO, Cida. **O Pacto da branquitude**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BERNARDES, Lysia. **Política urbana: uma análise da experiência brasileira**. Análise e Conjuntura Belo Horizonte, v.1, n.1, p.83-119 jan/abr, 1986.
- BERNARDO, André. **Autores celebram 60 anos de ‘Quarto de Despejo’, de Carolina Maria de Jesus**. Portal Geledés. 06 de setembro de 2020. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/autores-celebram-60-anos-de-quarto-de-despejo-de-carolina-maria-de-jesus/> Acesso: 10 de abril de 2025.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. (Orgs.) (1998). **Escritos em Educação**. Petrópolis: Vozes.
- BRASIL, Lei nº 10.639, 09 de janeiro de 2003. **Inclui a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” no currículo oficial da rede de ensino**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003, seção 1, p. 1

CALLAI, Helena. C. **O estudo do lugar como possibilidade de construção da identidade e pertencimento**. In: CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 8, 2004, Coimbra. Anais... Coimbra: Universidade de Coimbra, 2004. p. 01-10.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CASTRO, Eliana de Moura; MACHADO, Marília Novais da Mata. **Muito bem, Carolina! Biografia de Carolina Maria de Jesus**. Belo Horizonte: Arte, 2007.

Carolina Maria de Jesus ganha título de Doutora Honoris Causa da UFRJ. G1. Rio de Janeiro. 25 de fev. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/02/25/escritora-carolina-maria-de-jesus-ganha-titulo-de-doutora-honoris-causa-da-ufjr.ghtml> Acesso em: 10 de abril de 2025

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **O Processo de Socialização na Educação Infantil: A Construção do Silêncio e da Submissão**. Rev. Bras. Cresc. Desenv. Hum., São Paulo, 9(2), 1999.

CNTE. **Homenagem - Preta, pobre e poeta - É tempo de redescobrir o talento da escritora Carolina de Jesus**. Revista Mátia. 03 de Março de 2021. Brasília. 2021, vol.1 n.19. p. 24-27
Disponível: <https://assets.cut.org.br/system/uploads/ck/cnte/revista-matria-2021.pdf>
Acesso 08 de abril de 2025

COSGROVE, Denis. “A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas”. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. Trad. Olívia Barros Lima e Silva.

CUNHA, Olívia Maria Gomes da; GOMES, Flávio dos Santos. **Quase cidadão: histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas (FGV), 2007.

DANTAS, Audálio. **Carolina Maria de Jesus faz um retrato sem retoque do mundo sórdido em que vive**. Folha da Noite, São Paulo, 09 mai. 1958.

DANTAS, Audálio. **Retrato da favela no diário de Carolina**. O Cruzeiro, Rio de Janeiro, 20 jun. 1959, n.36, p.92-98.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

EVARISTO, Conceição. “Gênero e Etnia: uma escre(vivência) da dupla face”. In: SCHNEIDER, Liane; MOREIRA, Nadilza Martins de Barros (org). **Mulheres no mundo, etnia, marginalidade e diáspora**. 2. ed. João Pessoa: Editora do CCTA, 2020.

FALOLA, Toyin. **O poder das culturas africanas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020. Tradução de Beatriz Silveira Castro Filgueiras. (Coleção África e os Africanos).

FANON, Frantz. **Os condenados da Terra**. Rio de Janeiro: editora Civilização Brasileira S.A. 1968.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas** / Frantz Fanon ; tradução de Renato da Silveira. Salvador : EDUFBA, 2008. p. 194.

FARIAS, Tom. **Carolina: uma biografia**. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2017.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Dominus Edusp, 1965. 2v.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. . São Paulo: Difusão Européia do Livro. Acesso em: 26 mar. 2025. , 1972.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1999.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Brasília: Líber Livro, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Cortez, 1996.

GOMES, Nilma Lino. (2002). **Educação e Identidade Negra**. *Aletria: Revista De Estudos De Literatura*, 9, 38–47. <https://doi.org/10.17851/2317-2096.9.38-47>.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil, uma breve discussão**. Açãoeducativa.org.br, 2012a.

GOMES, Nilma Lino. **Movimento Negro e educação: ressignificando e politizando a raça**. *Rev. Educ. e Soc.*, Campinas, v. 33, n. 120, p. 727-744, jul.-set. 2012b.

GOMES, Nilma Lino. “Raça e educação infantil: À procura de justiça” *PUC-SP Revista e-Curriculum*, São Paulo, 2019. In: GOMES, Nilma Lino. **A mulher negra que vi de perto: o processo de construção da identidade racial de professoras negras**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1982, 115 p.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. RIOS, Flávia; Lima, Márcia (Org). Rio de Janeiro: Zahar. 2020

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

JESUS, Carolina Maria de. **Pedaços da Fome**. São Paulo: Editora Águila, 1963.

JESUS, Carolina Maria de. **Provérbios**. São Paulo: Edição da Autora, 1963

JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto De Despejo (edição Comemorativa 1960-2020): Diário De Uma Favelada**. Editora Ática, Capa Mole, Edição 1 Em Português, 2021.

JESUS, Carolina Maria de. **Casa de Alvenaria: Osasco**. Prefácio de Conceição Evaristo e Vera Eunice de Jesus. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

JESUS, Carolina Maria de. **Casa de Alvenaria: Santana**. Prefácio de Conceição Evaristo e Vera Eunice de Jesus. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. 244 p.

LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

MAZZEI, Beatriz. **Filha da escritora Carolina Maria de Jesus, Vera Eunice realiza sonho da mãe: descobrir as origens da família**. Uol, São Paulo, 21 de novembro de 2023. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/vera-eunice/#end-card> Acesso em: 28 mar de 2025.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona, 2014. Tradução de Marta Lança.

MELLO, João Baptista Ferreira de. **A humanística perspectiva do espaço e do lugar**. Revista ACTA Geográfica, Boa Vista (RR), v. 5, n. 9, p. 7–14, jan./jun. 2011. DOI: 10.5654/acta.v5i9.429

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. Tradução: Roland Corbisier e Mariza Pinto Coelho. 2o ed. Rio de Janeiro: editora Paz e Terra, 1977. 133 p.

MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. **Os caminhos literários de Carolina Maria de Jesus: experiência marginal e construção estética**. 2013. Dissertação de Mestrado - Universidade de São Paulo (USP). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH/SBD) , São Paulo.

MONTEIRO, Mariana Pereira. **O dispositivo de racialidade entre Sueli Carneiro e Michel Foucault**. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Filosofia) – Universidade Federal do Espírito Santo, 2025.

MORENO, Valfrida Emily Souza. **A literatura da vida real em “quarto de despejo” de Carolina Maria de Jesus**. 53 f. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) - Unidade Delmiro Gouveia - Campus do Sertão, Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2022.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do negro brasileiro**. São Paulo: Editora Ática, 1988.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis: Vozes. Acesso em: 02 abr. 2025. , 1999.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira. Tradução . Niterói: EDUFF, 2004 . Disponível em: https://biblio.fflch.usp.br/Munanga_K_UmaAbordagemConceitualDasNocoosDeRacaRacismoIdentidadeEEtnia.pdf. Acesso em: 04 abr. 2025.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude : usos e sentidos**. Belo Horizonte: Autêntica. Acesso em: 02 abr. 2025. , 2009.

NASCIMENTO, Abdias. **Genocídio do Negro no Brasil: Um Processo de Racismo Mascarado**. Editora Paz e Terra, 1978.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos**. Organizador: Alex Ratts. Rio de Janeiro: Zahar. 2021

NASCIMENTO, Beatriz. **O negro visto por ele mesmo: ensaios, entrevistas e prosa**. Organização de Alex Ratts. Rio de Janeiro: Ubu Editora, 2022

NASCIMENTO, Daniela de Almeida. **Carolina Maria de Jesus e a escrita de si como lugar de memória e resistência**. 2020. 108 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Faculdade de Ciências e Letras, Conselho, Programa de Estudos Literários, Unesp, Araraquara, 2020.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. **Significações do corpo negro**. 1998. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998. . Acesso em: 30 jun. 2025.

OLIVEIRA, Solange. D. de. **Carolina de Jesus: uma análise dialógica do livro: “Quarto de despejo” e a ressignificação da favela na contemporaneidade**. 2020. 53 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras - Português). Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2020.

PALMA, Daniela. **As Casas de Carolina: espaços femininos de resistência, escrita e memória**. Cadernos Pagu, v. 51, p. 1-31, 2017.

RAMOS, Guerreiro. **Negro sou: a questão étnico-racial e o Brasil: ensaios, artigos e outros textos (1949-1973)**. [Organizador: Muryatan S. Barbosa]. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROCHA, Gabriela de Cássia Savério. **Carolina Maria de Jesus: Violência de gênero e sua trajetória**. Rev. Aurora, Marília, v.16, n. 2 , p. 61-86, Jul./Dez., 2023

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/Piseagrama, 2023.

SANTOS, Joel Rufino dos. **O Que é Racismo?**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1980. 85 p. (Primeiros Passos ;, v. 7).

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo, Hucitec, 1993

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção** / Milton Santos. - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. - (Coleção Milton Santos; 1).

SANTOS, Milton. **O espaço da cidadania e outras reflexões** / Milton Santos; organizado por Elisiane da Silva; Gervásio Rodrigo Neves; Liana Bach Martins. – Porto Alegre: Fundação Ulysses Guimarães, 2011. (Coleção O Pensamento Político Brasileiro; v.3).

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. (2008). **Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil**. Educação, 30(3). Recuperado de <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/2745>

SOARES, Elza. **A carne**. Disponível em: <https://vimeo.com/244706631>. Acesso em: 29 mar. 2025.

SODRÉ, Muniz. **Uma lógica perversa de lugar**. Revista Eco-Pós, 21(3), 9–16. 2018.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

TREMBA, Gabriela Bastos Cordeiro. **O espaço urbano em Carolina Maria de Jesus: o eterno retorno ao Quarto de despejo e a casa de alvenaria**. 2020. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

TRINDADE, Solano. **Canto Negro**. Apresentação de Zenir Campos Reis. São Paulo: Nova Alexandria, 2006. p.52

VASCONCELOS, Caê. **Carolina Maria de Jesus, a escritora que ainda precisa ser conhecida e reconhecida**. Ponte Jornalismo, [s.l.], 14 de março de 2025. Disponível em: <https://ponte.org/carolina-maria-de-jesus-a-escritora-que-ainda-precisa-ser-conhecida-e-reconhecida/> Acesso em: 30 mar. 2025

APÊNDICE

SEQUÊNCIA DIDÁTICA – QUARTO DE DESPEJO

A presente sequência didática foi elaborada com o objetivo de promover aprendizagem significativa, a partir das contribuições de Carolina Maria de Jesus, para práticas pedagógicas críticas e reflexivas. Suas contribuições abordam um tema interdisciplinar, podendo ser trabalhado nas aulas de diferentes disciplinas, garantindo o cumprimento da Lei 10.639/03.¹⁸

De acordo com os pressupostos teóricos que embasam a monografia, entende-se a sequência didática apresentada como uma possibilidade da ampliação na atuação docente ao propor práticas pedagógicas antirracistas para o cumprimento de uma educação emancipadora .

Habilidades da BNCC	(EF09HI03) Identificar os mecanismos de inserção dos negros na sociedade brasileira pós-abolição e avaliar os seus resultados.
Público-alvo	Alunos do 9º ano do Ensino Fundamental
Tipo de atividade	
AULA 1: INTRODUÇÃO - A URBANIZAÇÃO DAS METRÓPOLES · 25 Minutos: Apresentar a escritora Carolina Maria de Jesus aos alunos, falando rapidamente de sua trajetória como moradora da favela do Canindé e, ao mesmo tempo, as tentativas de lançar um livro retratando a realidade em que estava inserida. Falar sobre o conceito de inserção dos negros nas sociedades e o desajustamento estrutural pós-abolição. Apresentação do conceito da urbanização nas metrópoles, com ênfase no livro “Quarto de Despejo”. · 25 Minutos: Neste momento, destacar alguns trechos do livro, que abordem especificamente sobre falta de políticas públicas, saneamento básico, com ênfase no tratamento de água e esgoto, a questão da distribuição de energia elétrica e por fim a urbanização da favela e a segregação racial que a metrópole de São Paulo fazia. AULA 2: DESIGUALDADE SOCIAL E POBREZA · 30 Minutos: Provocar nos alunos uma reflexão crítica sobre como o espaço urbano pode ser um mecanismo de segregação racial, racismo e desigualdade. Novamente, destacar trechos do livro que abordem sobre a desigualdade social, a pobreza e o racismo. Ao longo da aula, ficarão evidentes os constantes relatos de fome citados no livro, o que poderá provocar nos	

¹⁸ A Lei nº 10.639/2003 torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira em todas as escolas do país, tanto públicas quanto privadas. Ela altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e visa combater o racismo, promover a igualdade racial e valorizar a cultura de origem africana no Brasil. Link: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm

alunos um certo entendimento de como o pós-abolição não teve sequer um tipo de indenização aos libertos e também os descendentes de escravizados.

- **20 Minutos:** No decorrer da aula, falar sobre a rápida ascensão social de Carolina de Jesus. Abordar sobre o preconceito linguístico, o racismo editorial e as discriminações que a escritora passou a sofrer mesmo depois de famosa. Por fim, falar sobre a pobreza e os esquecimentos que a escritora teve ao findar sua vida. Após isso, refletir com os alunos sobre a importância da obra para os dias atuais.

AULA 3: REFLEXÕES E APRESENTAÇÃO DE RESPOSTAS

- **20 Minutos:** Solicitar aos alunos que façam reflexões sobre o livro “Quarto de Despejo” e sobre a condição social da população negra hoje em dia. Com as seguintes perguntas:

- O que você percebeu nos trechos do livro e que podemos relacionar com a condição social e racial dos negros no pós-abolição?
- O que mudou desde a data de lançamento do livro (1960) para o Brasil atual?
- Como ficou esse cenário de desigualdade social e pobreza após a pandemia do covid-19?

- **30 Minutos:** Pedir aos alunos para apresentarem suas respostas em formato de roda de conversa e juntos debater sobre o que entenderam do livro. Essa é uma discussão muito importante para o desenvolvimento crítico dos alunos, podendo levar eles a entender melhor como a sociedade brasileira foi e é racista. Essa discussão é importante, também, para debater as condições socioeconômicas da população negra, além de também refletir sobre o desajustamento do negro ao longo da história da sociedade brasileira.

Duração da atividade	3 aulas de 50 minutos cada, divididas em 3 dias.
Objetivos	Compreender que o pós-abolição foi um sistema pensado exclusivamente para os senhores de escravizados. Enfatizar que o colonialismo foi um processo de exploração que causou desigualdades, sofrimento e pobreza para os descendentes de escravizados, mesmo após serem alforriados. Compreender as desigualdades sociais e pobreza por meio da urbanização, enfatizando as migrações da população negra para as metrópoles. Transparecer que hoje esse debate ainda permanece atual. Evidenciar aos alunos sobre a condição social da população negra nos dias atuais.

Conteúdo da Aula	Por meio de atividades interativas e reflexivas, os alunos serão induzidos a conhecer a realidade da população negra, através de trechos do livro “Quarto de Despejo”, provocando debates e reflexões desse processo pós-abolição para a população negra.
Metodologia	As aulas serão expositivas e dialogadas, fazendo com que o aluno tenha participação direta com os conteúdos
Recursos Didáticos	Recursos visuais e slides contendo imagens de Carolina Maria de Jesus, os filhos e a favela do Canindé e também trechos do livro. Pincéis, papel, quadro e data-show.
Avaliação	Forma de avaliação: Debate com base nas perguntas e respostas propostas na Aula 3, avaliado no valor de 5 pontos. Cada aluno trará suas reflexões e entendimentos do livro, compartilhando entre os colegas, visando uma abordagem diversificada e enriquecedora do tema.
Bibliografia	JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2019.